

# **O REI LEAR**

**William Shakespeare**

**InfoLivros.org**



## SINOPSE DO REI LEAR

O Rei Lear é uma das tragédias mais celebradas de Shakespeare, escrita já em 1603 e publicada em 1605. Alguns aspectos do texto têm sido criticados por estudiosos literários. Tem duas edições originais e duas autorizadas. A peça conta a história do Rei Lear, um monarca idoso que decide dar o trono a suas três filhas, mas apenas uma delas poderá herdá-lo.

Para determinar quem vai ganhar, o rei decide colocá-los à prova e lhes pede que declarem seu amor por ele. Cordelia, a mais jovem, recusa-se, dizendo que seu amor não pode ser expresso em palavras. O rei a deserdou. Quanto ao resto das filhas, a situação era ainda pior. A partir daí, esta tragédia mostra as consequências das decisões erradas do rei.

Se você quiser ler mais sobre este livro, você pode visitar o seguinte link [O Rei Lear por William Shakespeare em InfoLivros.org](#)

**Se desejar ler este trabalho noutras línguas, basta clicar nos links correspondentes:**

- Inglês InfoBooks.org: [King Lear Author William Shakespeare](#)
  - Espanhol InfoLibros.org: [El Rey Lear Autor William Shakespeare](#)
  - Francês InfoLivres.org: [Le Roi Lear Auteur William Shakespeare](#)
- 

**Se quiser ler e descarregar mais livros de William Shakespeare em formato PDF, convidamo-lo a visitar esta página:**

- [William Shakespeare em formato PDF em InfoLivros.org](#)
- 

**Se quiser aceder à nossa biblioteca digital com mais de 3.500 livros para ler e descarregar gratuitamente, convidamo-lo a visitar esta página:**

- [+3,500 livros gratuitos em formato PDF em InfoLivros.org](#)

## PERSONAGENS

LEAR – rei da Bretanha

REI DA FRANÇA DUQUE DE BORGONHA

DUQUE DE CORNUALHA

DUQUE DE ALBÂNIA – marido de Goneril

CONDE DE KENT

CONDE DE GLOUCESTER

EDGAR – filho de Gloucester

EDMUNDO – filho bastardo de Gloucester

CURAN – um cortesão

VELHO – rendeiro de Gloucester

MÉDICO

BOBO DE LEAR

OSVALDO – mordomo de Goneril  
CAPITÃO – às ordens de Edmundo Fidalgo a serviço de Lear

Um fidalgo a serviço de Cordélia

ARAUTO

Criados do Duque de Cornualha

GONE RIL - filha de Lear RE GANA - filha de Lear CORDÉ L IA -  
filha de Lear

Cavaleiros do séquito de Lear, capitães, mensageiros, soldados e  
serviçais

AÇÃO: Bretanha

## ATO I

### CENA I

(Salão nobre do palácio do Rei Lear. Entram Kent, Gloucester e Edmundo.)

KENT: Pensei que o Rei preferisse o Duque de Albânia ao Duque de Cornualha.

GLUCESTER: Tam bém sem pre pensam os assim , nós todos; mas agora, na partilha do reino, é impossível saber qual dos dois ele mais estima. A divisão está tão perfeita que aquele que escolher primeiro não terá maneira de escolher o melhor.

KENT: Não é esse o seu filho, meu senhor?

GLUCESTER: A educação dele ficou aos meus cuidados. Já ruborizei tantas vezes ao ter de perfilhá-lo que não há mais nada no mundo que me ponha vermelho.

KENT: Eu não consigo conceber...

GLUCESTER: Pois a mãe do rapaz o conseguiu; e logo se pôs de ventre redondo e teve um filho no berço antes de ter um marido na cama. Sente o cheiro do pecado?

KENT: Que im porta o pecado quando o fruto é tão belo?

G LO UCESTER: Mas eu tenho outro filho, nos critérios da lei, m eu senhor. Mais velho do que este um ano e pouco; m as nem por isso m ais am ado. Em bora este patife tenha entrado no m undo de atrevido, sem ser solicitado, não foi um desprazer confeccioná-lo. Sua m ãe era um a beleza, e o filho da m ãe teve de ser reconhecido. Conhece este nobre fidalgo, caro Edm undo?

EDM UNDO : Não, m eu senhor.

G LO UCESTER: É o senhor conde de Kent. De agora em diante lem bre-se dele com o um m eu honrado am igo.

EDM UNDO : Estou às ordens de Sua Senhoria.

KENT: P retendo ser seu am igo e conhecê-lo m elhor.

EDM UNDO : Senhor, m e esforçarei por m erecer.

G LO UCESTER: Edm undo esteve fora nove anos e irá em bora de novo dentro em breve. (Soam fanfarras.) É o Rei chegando. (Entra um servidor carregando uma coroa. Depois entram o Rei Lear, os duques de Cornualha e Albânia, com Goneril, Regana, Cordélia e o séquito.)

LEAR: Gloucester, cuida dos senhores da França e da Borgonha.

G LO UCESTER: Já vou, m aj estade. (Sai, com Edmundo.)

LEAR: Enquanto isso revelarem os as nossas intenções m ais reservadas. Dêem -m e esse m apa aí. Saibam que dividim os em

três o nosso reino. É nossa firme decisão diminuir o peso dos anos, livrando-nos de todos os encargos, negócios e tarefas, confiando-os a forças mais jovens, enquanto nós, liberados do fardo, caminharemos os mais leves em direção à morte. Nosso filho da Cornualha, e tu, nosso não menos amado filho da Albânia; é chegada a hora de proclamar os vários dotes de nossas filhas a fim de evitar qualquer divergência no futuro. Os príncipes da França e da Borgonha, fortes rivais no amor de nossa filha mais moça, permaneceram longo tempo em nosso corte em vigília amorosa, e agora tem os que lhes dar uma resposta. Digam-me, minhas filhas – já que pretendo abdicar de toda autoridade, posses de terras e funções do estado –, qual das três poderei afirmar que me tem mais amor, para que minha maior recompensa recaia onde se encontra o mérito natural. Goneril, minha filha mais velha, falará primeiro.

G O NERIL: Senhor, eu amo o mais do que podem exprimir quaisquer discursos; mais que a luz dos meus olhos, do que o espaço e a liberdade, acima de tudo que pode ser avaliado – rico ou sublime; não menos do que a vida, com sua graça, beleza, honra e saúde; tanto quanto um filho mais amado ou um pai ou um pai mais se viu amado; um amor que torna a fala inútil e a palavra incapaz. Eu amo além de todos os valores disso tudo.

C O R D É L I A: (À parte.) E o que irá dizer Cordélia, agora? Amã; e cala.

LEAR: De todos estes limites, incluindo o espaço desta linha a esta, florestas ensombradas e planícies cultivadas, os rios abundantes e as vastas pradarias, te faço aqui dona e senhora. Um direito perpétuo extensivo aos descendentes teus e da Albânia. Que diz nossa segunda filha, esposa de Cornualha, nossa amada Regana?

REG ANA: Eu sou feita do mesmo metal de minha irmã e julgo ter valor igual ao dela. Do fundo do coração acho que exprimo tam-bém o meu amor, ao exprimir o dela; fica distante porém quando eu me declaro inimiga de quaisquer desses prazeres que os sentidos têm com o supremo; só me sinto feliz em idolatrar Vossa Amada Alteza.

CORDELIA: (À parte.) E então, pobre Cordélia? Mas, contudo, não sei; pois teu amor, tenho certeza, é mais profundo do que tua fala.

LEAR: A ti, e aos que de ti descenderem, pertença para sempre este vasto terço de nosso belo reino, não menor em extensão, valor e encantos naturais do que o que foi dado a Goneril. Agora, nossa alegria, em bora a última e mais móçca, por cujo amor juvenil os vinhedos da França e os prados da Borgonha disputam apaixonados; que poderás tu dizer que mereça um terço mais opulento do que o delas duas? Fala.

CORDELIA: Nada, meu senhor.

LEAR: Nada?

CO RDÉLIA: Nada.

LEAR: Nada virá do nada. Fala outra vez.

CO RDÉLIA: Infeliz de mim que não consigo trazer meu coração até minha boca. Am o Vossa Maj estade com o é meu dever, nem mais nem menos.

LEAR: Vam os, vam os, Cordélia: corrige um pouco tua resposta, senão prejudicas tua herança.

CO RDÉLIA: Meu bom senhor, tu me geraste, me educaste, amaste. Retribuo cum prindo o meu dever de obedecer-te, honrar-te, e amar-te acima de todas as coisas. Mas para que minhas irmãs têm os meus afeitos se afirmam que amam unicamente a ti? Creio que, ao me casar, o homem cuja mão receber minha honra deverá levar tão bem metade do meu amor, dos meus deveres e cuidados. Jamais me casarei com o minhas irmãs, para continuar a amar meu pai – unicamente.

LEAR: Mas, teu coração está no que dizes?

CO RDÉLIA: Está, meu bom senhor.

LEAR: Tão jovem e tão dura?

CO RDÉLIA: Tão jovem, meu senhor, e verdadeira.

LEAR: Pois se assim é, assim seja: tua verdade será então teu dote. Pelo sagrado resplendor do sol, pelos mistérios de Hécata,

deusa do céu e do inferno, pelo negror da noite, por todos os giros das esferas celestes por cujos eflúvios passam os a existir ou deixam os de ser, renego aqui todas as minhas obrigações de pai, parentesco e afinidade de sangue, e, de hoje e em diante, e para todo o sempre, te considero estranha ao meu coração e ao meu espírito. Ao bárbaro Cita, e ao Canibal que transforma os filhos em alimento para satisfazer o apetite, darei em meu peito acolhida, piedade e proteção igual a ti, que não és minha filha.

KENT: Meu bom soberano...

LEAR: Cala, Kent! Não te metas entre o dragão e sua fúria. Eu amo a vida, e pensava confiar o meu descanso aos seus ternos cuidados. Daqui! e sai da minha vista! Agora só me resta a paz do túmulo, agora, depois que retirei dela o coração de pai. Chamem o Rei da França! Ninguém se move? Chamem Borgonha! Cornualha e Albânia, juntem este terceiro dote aos dois anteriores. Que esse orgulho, que ela chama franqueza, case com ela. Transfiro aos dois, juntamente, o meu poder, soberania, e todos os grandes privilégios que compõem a realeza. Quanto a mim, ficarei apenas com uma escolta de cem homens, sustentada por ambos, e, em ciclos mensais, morarei com os dois, cada um a seu turno. Conservarei apenas o título real e todas as honras e prerrogativas a ele devidas. O poder, rendimentos e a disposição do resto lhes pertencem, amados filhos.

Confirmando o que, entrego-lhes, para que a com partilhem, esta coroa.

KENT: Real Lear, a quem sem pre honrei com o meu soberano, amei com o pai, segui com o senhor e invoquei em minhas orações com o meu protetor...

LEAR: Meu arco está curvo e a corda tensa; cuidado com a flecha.

KENT: Prefiro que dispares, mesmo o que a ponta aguda da flecha atinja o fundo do meu coração. Kent será rude enquanto Lear for louco. Que pretendes fazer, velho Rei? Julgas que o dever terá medo de falar quando o poder se curva à adulação? A honra tem de ser sincera quando a majestade se perde na loucura. Conserva o teu comando, considera e reflete, freia esse impulso hediondo. Respondo por minha opinião com a minha vida; tua filha mais moça não é a que te ama menos; não está vazio o coração cujo som, por isso mesmo, não ressoa.

LEAR: Por tua vida, Kent, pára!

KENT: Nunca considerarei minha vida senão como um peão para jogar contra teus inimigos; e não temo perdê-la quando está em jogo a tua segurança.

LEAR: Fora da minha vista!

KENT: Vê melhor, Lear, e deixa que eu continue sendo o verdadeiro ponto de mira dos teus olhos.

LEAR: P ois então, por Apolo...

KENT: P ois então, por Apolo! Ó Rei, tu invocas teus deuses em vão.

LEAR: Ah, vassalo! Ah, traidor! (Leva a mão à espada.)

ALBÂNIA E CORNUALHA: P or favor, senhor, contenha-se.

KENT: Mata teu médico e paga os honorários à tua repugnante enfermidade. Revoga essa doação ou, enquanto puder emitir um grito de minha garganta, eu te direi que agiste mal.

LEAR: Escuta, renegado! P or teu dever de súdito, escuta! Porque procuras fazer-me repudiar a minha jura, o que já me fiz antes – e te interpões com obstinado orgulho entre minha sentença e meu poder, o que nem minha natureza nem meu posto podem admitir –, eu vou te demonstrar minha potência, te dando a recompença que mereces: tens cinco dias para te prevenires contra as desgraças do mundo. No sexto volta ao nosso reino as tuas costas execradas. Se, no décimo dia, tua carcaça infame ainda for encontrada em nossas terras, esse instante será a tua morte. Fora! P or Júpiter – esta sentença é irrevogável.

KENT: P asse bem , meu senhor. Já que procedes assim , a liberdade é lá, o exílio aqui. (Para Cordélia.) Que os deuses te tomem sob sua carinhosa proteção, menina, que falaste tão bem o que pensaste tão justo. (A Regana e Goneril.) Que as vossas ações confirmem os belos discursos – que palavras de amor

gerem atos de amor. Assim, ó príncipes, a todos digo adeus. Kent irá adaptar seu velho estilo a algum país novo. (Sai. Trombetas. Entram Gloucester, o rei da França, o duque de Borgonha e séquito.)

GLoucester: Eis o rei da França e o duque de Borgonha, meu nobre senhor.

LEAR: Meu senhor de Borgonha, nos dirigim os prim eiro ao senhor, rival deste rei por nossa filha. Que m ínim o exige agora com o dote para não desistir da sua pretensão am orosa?

BORGONHA: Real Maj estade, não exij o nada além do que Vossa Alteza ofereceu, nem acredito que pretenda doar m enos do que o oferecido.

LEAR: Nobilíssim o Borgonha, quando ela nos era cara, nós a julgávam os tam bém cara em valores; m as agora seu preço decaiu. Senhor, aí está ela; se nessa essência de nada, qualquer coisa, ou m esm o tudo, j unto com o dote do nosso m enosprezo, convier à am bição de Vossa Graça, ela está aí; é sua.

BORGONHA: Não sei o que responder.

LEAR: Cheia de deficiências com o é, incapaz de am igos, renegada com o nossa filha, recém -adotada pelo nosso ódio, herdando apenas nossa m aldição, que decide o senhor: levá-la ou deixá-la?

BORGONHA: Perdome-me, augusto Rei, é impossível uma escolha em tais condições.

LEAR: Deixe-a então, senhor, pois juro, pelo poder que me criou, ter revelado toda sua riqueza. (Ao rei da França.) Quanto ao senhor, grande Rei, seria afastar-me de mim do seu afeto uni-lo àquilo que eu odeio. Rogo-lhe pois que desvie seu amor para um caminho melhor do que uma desgraçada de quem a natureza se envergonha ao reconhecer com o obra sua.

FRANÇA: Mas é muito estranho que aquela que ainda agora mesmo era seu objeto mais precioso, tem a do seu louvor, bálsamo de sua idade, a melhor, a mais amada, tenha, num último de tempo, cometido ato tão monstruoso que a dispa assim do manto protetor dos seus favores. Deve ter praticado ação desnaturada ou ofensa monstruosa: ou a afeição que o senhor apregoava antes se corrompeu por si mesma; mas, para acreditar que ela assim tenha agido, seria preciso uma fé que a razão não criaria em mim sem um milagre.

CORDÉLIA: Suplico apenas à Vossa Majestade, por me faltar a arte pérfida e oleosa de falar sem sentir – pois o que eu sinto eu faço sem falar –, suplico que proclame não ter sido a mácula de um vício, nem um assassinato, um ato infamante, ação despudorada ou passo desonroso o que me fez perder sua graça e favor; mas exatamente a falta daquilo que me torna mais rica – um olhar de permanente adulação e uma língua que me

orgulho de não ter, em bora não tê-la m e haj a feito perder o seu afeto.

LEAR: Melhor que não tivesses nascido do que m e seres tão desagradável.

FRANÇA: Mas então é só isso? Um a relutância natural que tantas vezes torna im precisa um a prom essa que se faz? Meu senhor de Borgonha, que diz o senhor a esta j ovem ? Am or não é am or quando se m istura com interesses estranhos ao fundam ental. Ainda a pretende? Ela em si m esm a j á é um dote.

B O R G O N H A: Rei Lear, dê apenas a parte do dote que havia prometido e aqui m esm o tom o Cordélia pela m ão e a faço Duquesa de Borgonha.

LEAR: Nada. Eu j urei. Sou irrem ovível.

B O R G O N H A: (A Cordélia.) Lam ento então que, tendo perdido um pai, percas tam bém um m arido.

C O R D É L I A: Que a paz acom panhe Borgonha. Já que interesses de fortuna são sua form a de am or eu não serei sua esposa.

FRANÇA: Belíssim a Cordélia, sendo pobre és m ais rica, m ais desej ada abandonada, m ais am ada desprezada; de ti e de tuas virtudes eu aqui m e apodero. Que a lei m e dê posse do que foi posto fora. Deuses! Deuses! Estranho com o a fria indiferença com que a tratam acende o m eu am or em inflam

ado desejo. Tua deserdada filha, ó Rei!, lançada em meu caminho, é agora minha rainha, rainha nossa, de nossa bela França. Nem todos os duques da pantanosa Borgonha poderão me recomprar esta donzela de valor inestimável... Despede-te deles, Cordélia,

dessa gente má:

perdeste o aqui,

te dou um melhor lá.

LEAR: Ela te pertence, Rei da França: e é só tua, pois não tem os tal filha nem pretendem os já mais rever sua face. Parte pois sem nossa graça, nosso amor e

nossa bênção. Vem, nobre duque de Borgonha. (Trombetas. Saem Lear, Borgonha, Cornualha, Albânia, Gloucester e o séquito.)

FRANÇA: Dá adeus a tuas irmãs.

CORDÉLIA: Jóias de nosso pai, é com os olhos úmidos que Cordélia as abandona. Eu sei bem o que vocês são, mães, com o irmão, me repugna chamar seus defeitos pelo nome próprio. Tratem bem nosso pai; abriguem-no nesses corações cheios de amor.

Contudo, se eu ainda pudesse lhe falar, seria para lhe indicar o melhor lugar. Assim, o meu adeus a ambas.

REGINA: Não venhas nos ensinar nossos deveres!

G O NERIL: É m elhor te preocupares em contentar teu dono, que te recebeu com o esm ola do destino.

Você renegou de vez sua raiz

E bem m erece o não ter que tanto quis.

CO RDÉLIA: O tem po há de revelar o que se esconde nas dobras da perfídia. Aos que disfarçam sua peçonha

Ele, no fim , sem pre expõe à vergonha. P rosperidade às duas!

FRANÇA: Vam os, m inha bela Cordélia. (Saem França e Cordélia.)

G O NERIL: Irm ã, não é pouco o que tenho a te falar de coisas que nos interessam m utuam ente. Acho que nosso pai partirá esta noite.

REG ANA: É m ais que certo; e vai contigo. Ficaré conosco o m ês que vem .

G O NERIL: Tu vês com o é cheia de m udanças a velhice. A experiência que tivemos os foi bem grave; ele sem pre gostou m ais de nossa irm ã; e a falta de critério com que a repudiou agora se m ostrou de m aneira bem grosseira.

REG ANA: É um m al próprio da idade; aliás, nunca teve um m aior conhecim ento de si próprio.

G O NERIL: Mesm o no tem po m elhor e m ais saudável de sua vida sem pre foi um im prudente: devem os esperar de sua velhice não apenas os defeitos há m uito tem po adquiridos e

entranhados m as tam bém a im pertinência e os caprichos que  
chegam com os anos de senilidade e doença.

## CENA II

(Sala no castelo do conde de Gloucester. Entra Edmundo com uma carta na mão.)

EDMUNDO : Tu, Natureza, és minha deusa: às tuas leis é que estão presas minhas ações. Por que haveria eu de me submeter à maldição dos costumes e permitir que o preconceito das gentes me deserdasse apenas porque nasci doze ou quatorze luas depois de meu irmão? Por que bastardo? e portanto infame, se as minhas proporções são tão corretas, a minha alma tão nobre e minha forma tão perfeita quanto a de qualquer filho de uma dama honesta? Por que nos marcamos com infame? Com infâmia? Infâmia infame? Infame ante infâmia? Quem, na luxúria furtiva da paixão, recebe mais fogo vital, constituição mais robusta, nós, ou os germinados numa cama insípida, sem calor, leite cansado, uma raça de frouxos e depravados, gerados entre o sono e a insônia? Pois então, legítimo o Edgar, eu devo ter tuas terras. O amor de nosso pai se reparte por igual entre o bastardo e o legítimo. Que palavra bonita esse legítimo! Bem, meu legítimo, se esta carta convencer e minha invenção triunfar, o infame Edmundo precederá o legítimo. Eu cresço, eu me engrandeço. E agora, ó deuses! do lado dos bastardos! (Entra Gloucester.)

G LO UCESTER: Kent banido assim ? O rei da França partindo indignado? Lear indo em bora ontem m esmo, depois de lim itar sua própria força? Reduzido a um a pensão? E tudo assim , no fulgor de um m omento? Edm undo, m e diz, que notícias há m ais?

EDM UNDO : Que Deus dê graças a Vossa Senhoria, as notícias são essas. (Procura esconder a carta, sem jeito.)

G LO UCESTER: Por que tanto empenho em esconder essa carta?

EDM UNDO : Não há qualquer novidade, meu senhor. G LO

UCESTER: E essa carta, o que é?

EDM UNDO : Absolutamente nada, meu senhor.

G LO UCESTER: Nada? Mas então por que a pressa de enfiar no bolso o absolutamente nada? O nada não se esconde. Vejamos; se realmente é nada nem preciso de óculos.

EDM UNDO : Eu lhe peço, senhor, que me perdoe. É uma carta de meu irmão que ainda nem li toda; mas pela parte já lida, acho que não deve examiná-la.

G LO UCESTER: Dá-me essa carta.

EDM UNDO : Meu erro é igual se dou ou se lhe nego a carta. O conteúdo, do que pude entrever, é censurável.

G LO UCESTER: Vejamos, vejamos.

EDM UNDO : Espero, com o j ustificativa de m eu irm ão, que ele tenha escrito isso apenas para experim entar e provar m inha lealdade.

G LO UCESTER: (Lê.) “Esse hábito que nos obriga a respeitar os velhos nos faz o m undo am argo nos m elhores anos de nossa vida; priva-nos de nossos bens, que só nos chegam quando a idade não nos dá m ais condição de desfrutá-los. Com eço a achar estúpida e insuportável a escravidão im posta pela tirania senil, que governa não pela força que tem , m as porque perm itim os. Vem m e ver, para que possam os falar m ais a esse respeito. Se nosso pai dorm isse até que eu o acordasse, você gozaria para sem pre m etade de suas rendas e viveria bem am ado pelo seu irm ão, Edgar.” Hum m . Conspiração! “... dorm isse até que eu o acordasse... gozaria m etade de suas rendas...” Meu filho Edgar! Teve m ão para escrever isto?! Coração e cérebro para concebê-lo?! Onde tu encontraste isto? Ou quem o trouxe?

EDM UNDO : Ninguém m e trouxe, senhor; aí a astúcia. Encontrei no chão; foi atirado pela j anela do m eu quarto.

G LO UCESTER: E a letra, tu a reconheces com o de teu irm ão?

EDM UNDO : Se o conteúdo fosse honesto, m eu senhor, eu j uraria que sim , m as, sendo a carta o que é, prefiro acreditar que não.

G LO UCESTER: É dele, então.

EDM UNDO : A mão é dele, meu senhor; minha esperança é que seu coração não esteja no que ela escreveu.

G LO UCESTER: E antes, ele nunca te sondou a esse respeito?

EDM UNDO : Nunca, meu senhor. Mas muitas vezes eu o ouvi dizendo que, tendo os filhos alcançado certa idade, quando os pais já declinam, o pai deveria ficar sob a tutela do filho, este administrando todos os seus bens.

G LO UCESTER: Ah, canalha! canalha! O mesmo que ele diz na carta. Abominável canalha, filho desnaturado, detestado; besta asquerosa. Pior do que asqueroso. Vai, rapaz, vai procurá-lo, que eu mandarei prendê-lo, o odioso canalha. Onde está ele?

EDM UNDO : Não sei bem, meu senhor. Mas se o senhor concede em suspender sua indignação contra meu irmão até recolher dele mesmo a prova melhor de suas intenções, estará num caminho mais certo. Pois, se agir contra ele com violência, e descobrir que estava enganado quanto a seus propósitos, isso abalará sua honra e destruirá o coração dele. Ouso apostar a minha vida em favor de meu irmão. Escreveu isso para testar o meu afeto, sem qualquer outra intenção criminosa.

G LO UCESTER: Tu acreditas nisso?

EDM UNDO : Se o senhor achar conveniente poderá ficar num lugar onde nos ouça discutir sobre o assunto, convencendo-se

com seus próprios ouvidos: isso sem demora alguma, esta noite mesmo.

GLUCESTER: Ele não pode ser tão monstruoso...

EDMUNDO : Claro que não, tenho certeza.

GLUCESTER: ...com seu próprio pai, que o ama tanto e com tanta ternura. Céu e terra! Edmundo, vai procurá-lo; dá corda a ele, por favor; conduz a coisa com tua esperteza. Daria tudo que tenho pela verdade absoluta.

EDMUNDO : Vou procurá-lo correndo, meu senhor; conduzirei o assunto o melhor que puder e logo o informarei do resultado.

GLUCESTER: Esses últimos eclipses do sol e da lua nada de bom nos anunciam ; em bora as leis da natureza possam explicá-los de diversos modos, a

própria natureza é castigada pelos seus efeitos. O amor esfria, a amizade se rompe, os irmãos se dividem . Na cidade, revoltas, nos campos, discórdia; nos palácios, traição; e se arrebatam os laços entre pais e filhos. Esse vilão que criei caiu nessa maldição; é um filho contra o pai. O rei desvia-se das leis da natureza: é o pai contra a cria. Nós vimos o melhor de nosso tempo: perfídias, traições, imposturas e toda espécie de agitações funestas vão nos acompanhar sem descanso até a tumba. Revela esse canalha, Edmundo; não perderás por isso. Vai com cuidado. E

Kent, nobre e leal, foi exilado. Seu crime, a honestidade. É estranho. (Sai.)

EDMUNDO: Eis a sublim e estupidez do mundo; quando nossa fortuna está abalada – muitas vezes pelos excessos de nossos próprios atos – culpamos o sol, a lua e as estrelas pelos nossos desastres; como se fossem os canalhas por necessidade, idiotas por influência celeste; escroques, ladrões e traidores por comando do zodíaco; bêbados, mentirosos e adúlteros por forçada obediência a determinações dos planetas; como se toda a perversidade que há em nós fosse pura instigação divina. É a admirável desculpa do homem devasso – responsabiliza uma estrela por sua devassidão. Meu pai se entendeu com minha mãe sob a Cauda do Dragão e vim ao mundo sob a Ursa Maior; portanto devo ser lascivo e perverso. Bah! Eu seria o que sou, mesmo que a estrela mais virginal do firmamento tivesse iluminado minha bastardia. Edgar! (Entra Edgar.) E eis que ele chega no momento exato, com a catástrofe das antigas comédias: o meu papel tem uma tristeza hipócrita, com grunhidos imitando um mendigo evadido de um hospício. Oh, esses eclipses previram todas as dissonâncias. Fá, sol, lá, mi.

EDGAR: Que foi, mundo Edmundo, em que grave edição estás perdido?

EDM UNDO : Estava aqui pensando, irmão, numa profecia que li há pouco tempo, coisas que deveriam acontecer depois desses eclipses.

EDG AR: E tu te preocupas com isso?

EDM UNDO : Infelizmente as coisas que o autor prevê estão acontecendo; com a brutalidade entre pai e filho; morte, fome, rompiimento de velhas amizades; divisões no estado; ameaças e maldições contra o Rei e os nobres; suspeitas infundadas: expulsão de amigos, deserção de tropas, infidelidades conjugais e não sei mais o quê.

EDG AR: Desde quando aderiste à astrologia?

EDM UNDO : Hei, hei! Quando é que tu viste meu pai a última vez?

EDG AR: A noite passada. EDM UNDO : E falou com ele? EDG AR: Sim, duas horas seguidas.

EDM UNDO : E se despediram em bons termos? Não notaste nele nenhum sinal de contrariedade, uma atitude, uma ou outra palavra?

EDG AR: Absolutamente nada.

EDM UNDO : Pois repensa bem em que possa tê-lo ofendido e aceita meu conselho; evita a presença dele um certo tempo, até diminuir um pouco o calor da sua fúria, a qual, neste momento,

o transtorna a tal ponto que não se acalmaria mesmo o que te aplicasse um castigo violento.

EDGAR: Algum canalha mesmo e terá caluniado.

EDMUNDO : É o que eu receio. Peço-te contenção e paciência, até que diminua a violência do ódio dele; e faz com o te digo: fica comigo em meu aposento, de onde, no momento devido, poderás ouvir tudo que nosso pai disser. Eu te imploro: vai. Eis minha chave. E se fores obrigado a te afastar de casa, sai armado.

EDGAR: Armado, irmão?

EDMUNDO : Irmão, eu falo por teu bem ; anda armado. Não sou um homem honesto se digo que há alguma coisa de bom pra ti em tudo isso. Eu te contei o que vi e ouvi; mas muito pálido. Nada que se assemelha à imagem e ao horror da coisa. Te peço, vai.

EDGAR: Dá-me logo notícias?

EDMUNDO : Estou todo a teu serviço, neste caso. (Edgar sai.) Um pai crédulo, e um irmão nobre, cuja natureza está tão distante da maldade que nem acredita que ela exista; nessa honestidade idiota é fácil cavalgar a minha intriga. Já planejei tudo.

As terras que não tive no berço ganharei com a esperteza. Justo pra mim é tudo que vem em minha defesa.

(Sai.)

### CENA III

(Um aposento no palácio do Duque de Albânia. Entram Goneril e seu mordomo Osvaldo.)

G O NERIL: Meu pai bateu em meu fidalgo porque ele repreendeu o Bobo?

OSVALDO : Foi, senhora.

G O NERIL: Assim me agride ele dia e noite; a todo momento insulta e ofende, sem fazendo a discórdia entre nós todos. Não agüento mais. Seus cavaleiros se tornam turbulentos e ele próprio nos repreende por qualquer ninharia. Quando voltar da caçada não falarei com ele. Diz que me sinto mal. Se vocês relaxarem os serviços farão muito bem ; eu respondo por isso.

OSVALDO : É ele chegando, senhora. Estou ouvindo. (Trombas de caça no interior.)

G O NERIL: Assumo um ar de cansada negligência, tu e teus com panheiros; gostaria mesmo que isso provocasse uma discussão. Se a ele não lhe agrada, que vá para a casa de minha irmã. Ela pensa exatamente como eu - não querem os mais ser tuteladas. É um velho inútil que pretende ainda exercer os poderes que já não lhe pertencem ! Por minha vida, os velhos caducos voltam à infância,

m erecem repreensões e não carinho quando se vê que erram no caminho. Não esqueças o que eu te disse...

OSVALDO : Muito bem , senhora.

G O NERIL: E que os cavaleiros dele, de ora em diante, encontrem em vocês só olhares de desdém : o que resultar disso não tem importância. Avisa os teus com panheiros. Farei nascer daí, tenho certeza, uma boa ocasião para dizer o que sinto. Escreverei logo à minha irmã para que aja exatamente com o eu ajo. E preparem o jantar. (Saem.)

## CENA IV

(Ante-sala no palácio do duque de Albânia. Entra Kent disfarçado.)

KENT: Se eu tam bém conseguir m odificar os sons de m inha voz, alterando o m eu m odo de falar, a m inha boa intenção m e fará realizar plenam ente o obj etivo que m e levou a transform ar m eu aspecto. Agora, banido Kent, se puderes servir a quem te condenou – e espero que possas – o teu senhor, a quem am as, te encontrará pronto pra tudo. (Trompas soam. Entram Lear, cavaleiro e séquito.)

LEAR: Não m e façam esperar nem um m inuto pelo j antar; vão logo aprontá- lo! (Sai serviçal.) E então, quem és tu aí?

KENT: Um hom em , senhor.

LEAR: Qual a tua profissão? Que desej as de nós?

KENT: A m inha profissão, senhor, é não ser m enos do que aquilo que pareço;

é servir fielm ente quem confiar que sou fiel; honrar quem é honrado; m e

associar com quem é sábio e fala pouco; tem er a j ustiça; lutar quando não houver outra saída: e não com er pescado.

LEAR: Quem és tu?

KENT: Alguém de coração extremam ente honesto, senhor, e tão pobre quanto o Rei.

LEAR: Se, com o súdito, és tão pobre quanto ele é com o Rei, então és m esm o pobre. O que é que desejas?

KENT: Serviço.

LEAR: A quem queres servir?

KENT: Ao senhor.

LEAR: E tu sabes quem sou, com panheiro?

KENT: Não, m eu senhor; m as há qualquer coisa em seu porte que m e leva a querer tê-lo com o am o e senhor.

LEAR: Que coisa é essa?

KENT: A autoridade.

LEAR: Que serviços podes prestar?

KENT: Sei guardar um segredo im portante, m ontar a cavalo, correr a pé, estragar, ao contá-la, um a história interessante, e transm itir confusam ente um a m ensagem sim ples; enfim , tudo de que é capaz um hom em com um : m as m inha m aior virtude é a ligeireza.

LEAR: Qual é a tua idade?

KENT: Não sou tão novo, senhor, que am e um a m ulher pelo seu canto;

nem tão velho que me deixe levar pelo seu pranto:

carrego nas costas quarenta e oito anos.

LEAR: Vem comigo; serás meu servidor; se depois do jantar eu não gostar de nós de ti, permitirei que fiques. Jantar, oh, jantar?! Onde está esse patife – o meu Bobo? Vai, rapaz, vai chamar o meu Bobo. (Sai um serviçal. Entra o mordomo, Osvaldo.) Tu, tu aí, ô velhaco, onde está minha filha?

OSVALDO : Com vossa permissão... (Sai.)

LEAR: Que é que ele disse, esse patife? Chame de volta aqui esse idiota. (Sai cavaleiro.) Onde está meu Bobo? Que diabo, o mundo dorme!? (Entra cavaleiro.) Com o quê? Onde está esse bastardo?

CAVALEIRO : Mandou dizer, senhor, que sua filha não está passando bem .

LEAR: E por que o poltrão não me atendeu quando o chamei?

CAVALEIRO : Senhor, me respondeu grosseiramente; que não atendeu porque não quis.

LEAR: Por que não quis?

CAVALEIRO : Meu senhor, não sei o que se passa mas, na minha opinião, Vossa Alteza não está sendo tratado com a cerimoniosa consideração que lhe é devida. Há uma enorme diminuição de

cortesia por parte dos criados em geral, e talvez mais do próprio duque e sua esposa.

LEAR: Ah! É o que tu dizes?

CAVALEIRO : Suplico que me perdoe, senhor, caso eu me engane; mas minha consciência não pode silenciar quando o senhor está sendo ofendido.

LEAR: Tu apenas reforças as minhas próprias suspeitas. Tenho notado, ultimamente, um descaso geral a meu respeito; coisa que preferi atribuir a uma excessiva susceptibilidade minha do que a intenções e propósitos grosseiros. Prestarei mais atenção. Mas onde está meu Bobo? Há dois dias não o vejo.

CAVALEIRO : Desde que nossa jovem senhora partiu para a França, senhor, ele vem definhando.

LEAR: Não precisa falar; já notei muito bem. Vai e diz a minha filha que quero falar com ela. (O cavaleiro sai.) E tu, chama aqui o meu Bobo. (Sai um servidor, reentra Osvaldo.) Hei, o senhor, cavalheiro. É, o senhor, chega aqui. Quem sou eu, cavalheiro?

OSVALDO : O pai de minha senhora.

LEAR: “O pai de minha senhora!” A canalha da tua senhoria; animal sarnento, escravo, cão filho de uma puta!

OSVALDO : Eu não sou nada disso, meu senhor; queira me perdoar.

LEAR: E ainda me olha assim , dessa maneira, seu velhaco? (Bate nele.)

OSVALDO : Não vou deixar que me batam , meu senhor.

KENT: Nem que o chutem tão bem , vagabundo jogador de futebol? (Dá-lhe uma rasteira.)

LEAR: Obrigado, com panheiro; se me ajudas vou gostar de ti.

KENT: Vamos, rapaz, levanta e anda. Vou te ensinar o teu lugar; fora daqui. Fora! Ou pretende dar com o traseiro no chão mais uma vez? Vai – tem juízo! Assim . (Empurra Osvaldo para fora.)

LEAR: Agora, patife amigo, te agradeço; pega aí esse adiantamento pelo teu serviço. (Dá-lhe dinheiro. Entra o Bobo.)

BOBO : Vou te recomendar pensar tão bem ; pega aí o meu barrete. (Oferece o barrete a Kent.)

LEAR: Com o que é, meu canalhinha? Estás bem ?

BOBO : Meu amigo, se eu fosse o senhor aceitava o meu gorro.

KENT: Porque, Bobo?

BOBO : Porque? Porque fica do lado de quem está em desgraça. Quem não sabe agradar segundo o vento que sopra, logo pega um resfriado. Vamos, bota o meu barrete. Vê, esse camaráda aí banuiu duas de suas filhas e, sem querer, fez a felicidade da terceira; se vais servi-lo, é claro que tens que usar o

m eu barrete. Com o é, titio? – ah, se eu tivesse duas filhas e dois barretes!

LEAR: O que, m eu rapaz?

B O BO : Se eu desse a elas todas as m inhas posses pelo m enos ficaria com os barretes. P ega aí o m eu e pede o outro às tuas filhas.

LEAR: Mais cuidado, m oleque – olha o chicote.

B O BO : A verdade é um cachorro que tem de ficar preso no canil. E deve ser posto fora de casa a chicotadas quando m adam e Cadela quer ficar calm am ente fedendo j unto ao fogo.

LEAR: P estilência irritante!

B O BO : Cam arada, vou te ensinar uns provérbios.

LEAR: Ensina.

B O BO : P resta atenção, titio: Mostra m enos os teus bens

No que sabes não te expandas Em presta m enos do que tens

Cavalga m ais do que andas Ouve na j usta m edida

Só arrisca o que não im porta Larga am antes e bebida Tranca bem a tua porta:

E terás em cada vintena

Mais que o dobro da dezena.

KENT: Isso não é nada, Bobo.

B O BO : Então é com o a voz de um advogado sem honorários – tam bém não m e deram nada pelo que falei. O senhor não sabe fazer nada com o nada, tiozinho?

LEAR: Claro que não, rapaz; do nada não sai nada.

B O BO : (A Kent.) P or favor, diz a ele que isso é tudo que lhe rendem as terras que não tem – ele não vai acreditar num Bobo.

LEAR: Um Bobo insolente.

B O BO : E tu sabes, m enino, a diferença entre um bobo insolente e um bobo com placente?

LEAR: Não, rapaz; m e ensina. B O BO : Quem aconselhou a ti A tuas terras doar

Tem que vir ficar aqui:

Ou ficas tu no lugar.

O insolente e o com placente Surgem j untos de repente; Um com roupas de dem ente; O outro na sua frente.

LEAR: Estás m e cham ando de bobo, Bobo?

B O BO : Você abriu m ão de todos os outros títulos; esse é de nascença.

KENT: Isso não é com pletam ente bobo, m eu senhor.

B O BO : Não, por m inha fé, os senhores e os potentados não m e perm itiriam ; não posso ter um m onopólio da bobagem porque

eles não abrem mão da parte deles. E as senhoras também não deixam a bobagem só pra mim: me arrakçam à força. Titio, me dá um ovo que eu te dou duas coroas.

LEAR: Que duas coroas são essas? BO BO: Eis aqui, as duas cascas vazias, Depois que parti o ovo ao meio

E com o seu recheio.

Quando partiste ao meio tua coroa e doaste as duas partes, levaste o burro no lombo através do lamçal. Não havia nenhum juízo nessa coroa careca ou não terias doado tua coroa de ouro. Ao dizer isto eu não falo com o Bobo, mas se alguém perceber isso deve ser chicoteado com o um bobo.

Os bobos perdem o emprego Pois os sábios vieram em bando E com o não têm juízo

Vivem nos macaqueando.

LEAR: Desde quando te encheste de canções, patife?

BO BO: Adquiri o hábito no dia em que transformaste tuas filhas em tuas mães; arriaste os calções e deste a elas a vara de armelo. (Canta)

E aí elas choraram de súbita alegria E eu me pus a cantar só de tristeza Vendo o rei cabra-cega em correria Mais um Bobo entre bobos sem defesa.

Eu te peço, titio, arranja um professor que ensine teu Bobo a entender. Gostaria tanto de aprender.

LEAR: Mente, vilão, que eu mando te açoitar.

BOBO : Eu gostaria de entender que espécie de parentesco existe entre ti e tuas filhas; elas não me espancam porque digo a verdade; tu me mandas açoitar porque me into; e algumas vezes apanho por não falar nada; eu queria ser qualquer outra coisa, menos Bobo, menos talvez ser tu, tiozinho. Repartiste teu juízo à esquerda e à direita e acabaste ficando sem nada no centro; olha aí um a das partes. (Entra Goneril.)

LEAR: O que foi, minha filha? Porque estás com essa cara amarrada? Ultimamente você anda sem premissas.

BOBO : Tu eras bem mais Rei quando não precisavas te preocupar com a cara dela. Agora és apenas um zero à esquerda. Valho mais do que tu; pelo menos sou um Bobo – tu não és coisa nenhuma. (A Goneril.) Está bem, já sei, já vou calar o bico; é o que tua expressão me ordena em boca não tenhas proferido uma palavra.

Mas não ralha, não ralha:

Quem não guarda o pão nem a migalha,

Um dia, arrependido, quererá o que os valha. (Aponta Lear.) Olha aí um a vagem oca.

G O NERIL: Senhor, não só este seu Bobo, a quem tudo é permitido, mas também outros, do seu séquito insolente, encontram a todos os momentos motivos de queixa e de provocações dando origem a violentos distúrbios, que não podem mais ser tolerados. Pensei, senhor, depois de o informar com precisão, que houvesse tomado medidas corretivas. Mas agora, depois do que o senhor mesmo disse e fez ultimamente, com efeito temer que até protege esse tipo de conduta e a encoraja com a sua aprovação. Se for assim, essa falta não passará sem uma censura, nem poderemos deixar de aplicar um corretivo, no interesse do bem-estar de todos. Isso, que poderia lhe parecer ofensa, vergonha mesmo em outras circunstâncias, a necessidade agora nos impõe com a medida de elemtar prudência.

B O BO : Pois tu sabes, meu tio:

O pardal que alim entou o cuco com seu m uco

Um dia teve a cabeça com ida pelo cuco.

E assim se apagou a vela e ficam os todos no escuro.

LEAR: Tu és nossa filha?

G O NERIL: Gostaria que o senhor usasse o seu bom senso, do qual sei que é bem dotado, e que abandonasse os seus hum

ores que há algum tempo o distanciam tanto do que o senhor realmente é.

B O BO : Será que um burro não percebe quando o carro vai à frente dos bois? Hip, Hip, Joana, força, meu amor!

LEAR: Tem alguém aqui que me conheça? Este aqui não é Lear. Lear anda desse jeito? Fala assim? Onde estão os olhos dele? Ou sua inteligência enfraqueceu ou tem o discernimento em letargia... Ah! Estou acordado? Não pode ser. Alguém é capaz de dizer quem eu sou?

B O BO : A sombra de Lear.

LEAR: Gostaria de saber, pois, pelos sinais de soberania, inteligência e raciocínio, cheguei, erradamente, a me persuadir que tinha filhas.

B O BO : Que pretendem transformar num pai obediente.

LEAR: O seu nome, linda fidalga?

G O NERIL: Essa zombaria, senhor, tem o mesmo sabor de muitas de suas últimas infantilidades. Suplico que procure entender o verdadeiro sentido de minhas intenções. Velho e venerável, o senhor deveria ser também sensato. Tem aqui, entre cavaleiros e escudeiros, uma centena de homens, tão desordeiros, debochados, corruptos e violentos, que esta corte, infeccionada pelos seus costumes, se transformou num

caravançarai de devassos. O gozo e a luxúria fazem este palácio se parecer mais com uma taverna e um lupanar do que com uma habitação honrada. Essa desgraça exige remédio imediato. O senhor tem de se convencer a diminuir bastante esse seu séquito e providenciar para que os que ainda ficarem a seu serviço sejam homens que conheçam o senhor como a si próprios, capazes pois de honrar a sua idade.

LEAR: Trevas e demônios! Selem os meus cavalos; reúnam minha gente. Bastarda desgraçada! – não te darei mais incômodos; tenho ainda uma filha.

GERONIL: O senhor agradece meus criados; e essa escória dos seus homens trata com os criados os seus superiores. (Entra Albânia.)

LEAR: Desgraçado de quem se arrepende tarde demais. Ah, senhor, estás aí? É assim bem tua vontade? Fala, senhor. Preparem meus cavalos. Ingratidão, demônio de coração de mármore, mais hediondo quando te mostras numa filha do que num monstro marinho.

ALBÂNIA: Por favor, senhor, tenha paciência.

LEAR: Detestável abutre, tu mentiste. Meu séquito é feito de cavaleiros de escol e das mais altas virtudes, que conhecem todas as exigências do dever e cuidam da própria honra com extremo cuidado. Ah, aquela falta mínima, com o

m e pareceu horrenda em minha Cordélia. Tu, com o um instrumento de tortura, arrebastaste a estrutura do meu ser, esvaziaste meu coração de todo o amor e encheste-o de fel. Ó Lear, Lear, Lear! arromba essa porta (bate na cabeça) que deixou entrar tua loucura e põs pra fora o teu melhor juízo... Vam os, vam os, minha gente.

ALBÂNIA: Meu senhor, estou tão inocente quanto ignorante do motivo de toda a sua ira.

LEAR: Pode ser, meu senhor. Escuta, Natureza, escuta! Querida deusa, escuta: suspende tua intenção de tornar fecunda esta criatura. Enfia a esterilidade em suas entranhas; seca seu ventre, e que do seu corpo degradado não brote jamais um filho para honrá-la. Mas, se ainda assim conceber, nasça-lhe um filho cheio de fel, que sobreviva para ser o seu tormento perverso e monstruoso, que estampe de rugas seu rosto juvenil; escave canais em suas faces com as lágrimas candentes que a fará derramar; e retribua os seus sofrimentos e cuidados maternos com desprezo e escárnio para que ela saiba que mais doloroso do que o dente de uma cobra é ter um filho ingrato! Partam os, vam os. (Sai.)

ALBÂNIA: Pelos deuses que adoram os, que foi que aconteceu?

G O NERIL: Não te preocupes em saber mais nada; deixa ele desafogar o meu humor que a avançada idade justifica. (Lear volta.)

LEAR: Com o!? Cinqüenta dos meus homens num só golpe! Em apenas quinze dias?

ALBÂNIA: Que foi, senhor?

LEAR: Já te direi. (A Goneril.) Vida e morte! Me envergonho que tenhas o poder de abalar assim minha virilidade! Que sejas responsável por estas lágrimas quentes que me são arrancadas à força. Caiam sobre ti furacões e nevadas. As chagas incuráveis da maldição de um pai trespasssem todos os teus sentidos. Oh, minhas cansadas e crédulas pupilas, se continuarem a chorar por este motivo eu as arrancarei das órbitas e, junto com as lágrimas que vertem, as misturarei à terra para fazer lama. Com o chegarem os a isto? Mas que assim sejas. Eu tenho outra filha que, tenho certeza, é boa e prestativa. Quando souber do que fizeste marcará com as próprias unhas essa cara de loba. Verás que recuperarei o meu modo de ser que pensas que perdi para sempre. Verás, eu te garanto. (Sai com Kent e séquito.)

G O NERIL: Ouviste isso?

ALBÂNIA: Goneril, eu não posso ser tão parcial, apesar do grande amor que te dedico.

G O NERIL: Eu te peço, chega. Que foi, Osvaldo, hein? (Ao Bobo.)  
E o senhor, aí, m ais canalha do que Bobo – com seu patrão!

B O BO : Tio Lear, tiozinho am igo, Espera,  
Leva teu bobo contigo.

Se eu pegasse um a raposa

Ou tivesse tal esposa

Eu trocava m eu barrete

P or um a corda bem forte P ra lhe dar um a boa m orte. Mas não  
é o caso agora;

É m elhor eu ir em bora.

G O NERIL: Esse hom em foi bem aconselhado – cem cavaleiros!  
Não é sábio nem seguro deixá-lo m anter cem cavaleiros arm  
ados e adestrados; sim , ao m enor desvario, à m enor intriga,  
capricho, queixa ou antipatia, ele pode m uito bem defender sua  
senilidade com essas forças e dispor de nossas vidas à vontade.  
Vem cá, Osvaldo!

ALBÂNIA: Teu tem or talvez sej a excessivo.

G O NERIL: É m elhor do que confiança excessiva. P refiro  
destruir os m ales que receio, do que recear que eles m e  
destruam . Conheço o seu coração. Tudo que ele disse eu j á  
escrevi a m inha irm ã. Se ela der abrigo a ele e aos cem  
cavaleiros, depois de tê-la advertido das inconveniências...

(Entra Osvaldo.) Então, Osvaldo? Escreveste a carta para minha irmã?

OSVALDO : Sim , minha senhora.

G O NERIL: Então pega um a escolta, e a cavalo! Explica-lhe plenamente meu temor pessoal; e acrescenta tuas próprias razões tornando tudo mais consistente. Vai logo e volta o mais depressa. (Sai Osvaldo.) Não, não, meu senhor, eu não reprovava a suavidade e a gentileza do seu comportamento, mas, com seu perdão, acredite que é muito mais criticado por sua falta de firmeza do que louvado por sua perigosa indulgência.

ALBÂNIA: Não sei se seus olhos vêm bem em redor; É com um perder-se o bom por querer o melhor. G O NERIL: Mas então...

ALBÂNIA: Bem , bem , vamos os ver... (Saem.)

## CENA V

(Pátio diante do mesmo palácio. Entram Lear, Kent e o Bobo.)

LEAR: Tu vais na frente com estas cartas para Gloucester. Não digas a minha filha senão estritam ente o que ela perguntar a respeito da carta. Se não fores de um a rapidez extrem a eu chegarei lá antes de ti.

KENT: Não dorm irei, m eu senhor, antes desta carta chegar a seu destino. (Sai.)

B O BO : Se o cérebro do hom em estivesse nos pés, não haveria o perigo de pegar frieiras?

LEAR: Claro, rapaz.

B O BO : Então fica contente – teu espírito nunca vai calçar chinelos.

LEAR: Ha, ha, ha.

B O BO : Verás que a tua outra filha te tratará filialm ente, pois em bora se pareça com esta tanto quanto um a m açã selvagem se parece com um a m açã cultivada, eu digo o que te digo.

LEAR: E o que é que tu m e dizes, patife?

B O BO : Que aquela terá o mesmo gosto desta com o um a maçã tem o mesmo sabor de outra maçã. Sabes por que é que o nariz fica no meio da cara?

LEAR: Não.

B O BO : Ora, para cada olho ficar de um lado do nariz, de modo que o que não podem os cheirar nós espiam os.

LEAR: Fui injusto com ela...

B O BO : Sabes como é que a ostra faz a concha?

LEAR: Não.

B O BO : Eu também não; mas posso-te dizer por que o caracol tem uma casca.

LEAR: Por quê?

B O BO : Ora, para guardar a cabeça lá dentro. Ou tu achas que é para dá-la às filhas e ficar com os cornos sem abrigo?

LEAR: Preciso esquecer o meu afeto; um pai tão amoroso!  
Meus cavalos estão prontos?

B O BO : Os teus burros foram buscar. A razão por que as sete estrelas são apenas sete é muito interessantíssima.

LEAR: Por que não são oito?

B O BO : Isso mesmo. Tu darias um bom Bobo.

LEAR: E se retomasse tudo pela força?... Monstruosa ingratidão!

B O BO : Se tu fosses m eu Bobo, tias apanhar m uito pra aprender a não ficar velho antes do tem po.

LEAR: Com o assim ?

B O BO : Tu não devias ter ficado velho antes de ter ficado sábio.

LEAR: Não perm ita que eu fique louco, oh, louco não, céu bendito!  
Conserva a m inha razão; eu não quero ficar louco! (Entra fidalgo.)  
Então, os cavaleiros

estão prontos?

FIDALG O : P rontos, m eu senhor.

LEAR: Vam os, rapaz. B O BO : (Para o público.) Moças aí que são virgens E riem destas tiradas

Entendam bem o que eu digo,

Ou não serão desvirginadas. (Saem.)

FIM DO P RIMEIRO ATO

## ATO II

### CENA I

(Pátio no castelo de Gloucester. Entram Edmundo, o bastardo, e Curan, e se encontram.)

EDM UNDO : Deus o tenha, Curan.

CURAN: E ao senhor tam bém . Estive com seu pai e o inform ei de que o duque de Cornualha e a duquesa Regana chegarão esta noite.

EDM UNDO : Com o assim ?

CURAN: Que sei eu? O senhor j á ouviu as notícias que correm por aí. Eu digo;

esses boatos, coisas que até agora são apenas m urm úrios de ouvido em ouvido.

EDM UNDO : Não ouvi nada. P or favor, m e inform e.

CURAN: Não ouviu falar de um a guerra provável e im inente entre o duque de

Cornualha e o da Albânia?

EDM UNDO : Nem um a palavra.

CURAN: Mas vai ouvir na certa, em breve. Pense bem, senhor.  
(Sai.)

EDMUNDO : O duque aqui esta noite? O melhor momento! Mais um fio que reforça a minha trama. Meu pai põe guardas atrás de meu irmão; meu papel é difícil; devo representá-lo com cuidado. Rapidez e boa sorte – mãos à obra! Meu irmão; uma palavra! Desce aqui! Meu irmão, estou chamando! (Entra Edgar.) Meu pai vigia. Assim, foge deste lugar. Já descobriram onde estás escondido; tens, agora, a valiosa proteção da noite. Falaste alguma coisa contra o duque de Cornualha? Ele vem para cá, ainda esta noite, a toda pressa, e Regana com ele; não disseste nada a favor dele e contra o duque de Albânia? Pense bem.

EDGAR: Estou seguro – não disse uma palavra.

EDMUNDO : Ouço meu pai chegando. Me perdoa; tenho que recorrer à astúcia e desembainhar minha espada contra ti; puxa a tua também e finge defender-te; vamos, simulação perfeita! Rende-te! Vou te entregar a meu pai! Luzes aqui, he! Foge, meu irmão! Tochas, as tochas! Agora, adeus! (Sai Edgar.) Um pouco de sangue de mim mesmo os levará a acreditar que a luta foi violenta; (fere o próprio braço) já vi bêbados fazerem mais que isso por pura brincadeira. Pá! Pá! Pega, pega! Ninguém me ajuda? (Entram Gloucester e criados, com archotes.)

GLoucester: Muito bem, Edmundo, onde está o canalha?

EDM UNDO : Estava aí no escuro, em punhando a espada afiada, rumando cabalísticas maldições, conjurando a lua para ser sua madrinha e protetora.

G LOUCESTER: Mas aonde é que ele foi? EDM UNDO : Repare, senhor, estou sangrando. G LOUCESTER: Edmundo, onde está esse canalha?

EDM UNDO : Fugiu por ali, senhor (aponta na direção errada), quando viu que não ia conseguir de modo algum ...

G LOUCESTER: Persigam-no, olá! Atrás dele! (Saem alguns criados.) “Não ia conseguir de modo algum ”... o quê?

EDM UNDO : Me persuadir a assassinar Vossa Senhoria. Eu o adverti que os deuses vingadores atiram todos os seus raios contra os parricidas; lembre-se dos vínculos múltiplos e fortes que ligam o filho ao pai; em resumo, senhor, vendo a repugnância com que eu me oponha à sua intenção desnaturada, ele, num ímpeto feroz, já com a espada pronta, atacou a fundo o meu corpo indefeso, e me feriu no braço... Mas, assim que percebeu crescerem no combate os meus sentidos despertados pela justiça da causa – ou porque o assustasse o barulho que fiz –, fugiu subitamente.

G LOUCESTER: Que vá para bem longe. Não ficará nestas terras sem ser capturado. E, encontrado – morto! O nobre duque, meu senhor, digno chefe e protetor, chega esta noite. Com sua

autorização farei apregoar que quem encontrar o traidor, levando ao patíbulo o covarde assassino, merecerá a nossa gratidão. Para quem o esconder, a morte.

EDMUNDO : Quando tentei dissuadi-lo e vi que estava decidido a ir até o fim , com palavras violentas me eacei denunciá-lo. Ele respondeu: “Tu crês, bastardo deserdado, que se eu me erguesse contra ti, a existência de qualquer valor, virtude ou lealdade em ti tornaria as tuas palavras confiáveis? Não; por menos que eu negasse (e negaria, mesmo o que você apresentasse uma confissão escrita por minha própria mão) eu faria crer que tudo é idéia tua, um plano, uma intriga diabólica. Terias de imbecilizar o mundo todo para que ninguém percebesse que as vantagens da minha morte são motivos claros e suficientes para você desejá-la”.

GUINEVERA: Estranho e rematado canalha! Negaria então sua própria carta? Eu gerei isso? (Trompas soam no interior.) Ouve, as trombetas do duque. Não sei o que ele vem fazer aqui. Mandem fechar todas as saídas: o traidor não escapará; o duque vai ter de me apoiar. Mandarei a descrição do canalha para todos os lugares, próximos e distantes, a fim de que todo o reino possa identificá-lo; e quanto às minhas terras, filho leal e natural, providenciarei para que sejas o herdeiro. (Entram Cornualha, Regana e séquito.)

CO RNUALH A: Então, m eu pobre am igo? Desde que aqui cheguei – e pode-se dizer que foi agora – tenho ouvido notícias m uito estranhas.

REG ANA: Se forem verdadeiras, toda vingança é pouca para punir o culpado. Com o está o senhor?

G LO UCESTER: Oh, senhora, com m eu velho coração despedaçado, é, despedaçado.

REG ANA: Com o? O afilhado de m eu pai atentou contra sua vida? Aquele a quem m eu pai deu o nom e? O seu filho Edgar?

G LO UCESTER: Oh, senhora, senhora – eu devia ocultar, só de vergonha.

REG ANA: Ele não era com panheiro desses cavaleiros devassos que protegem m eu pai?

G LO UCESTER: Eu não sei, senhora. É terrível, é terrível.

EDM UNDO : É verdade, senhora, pertencia a essa cam bada.

REG ANA: Não adm ira então que tenha tais intenções; foram eles que o induziram a querer a m orte do velho para pilhar e consum ir suas rendas. Esta tarde m esm o m inha irm ã m e m andou inform ações sobre eles, com tais recom endações de prudência que, se vierem se instalar em m inha casa, eu não estarei lá.

CO RNUALH A: Nem eu, Regana, te garanto. Edm undo, sei que deste a teu pai um a prova de devoção filial.

EDM UNDO : Apenas o m eu dever, senhor.

G LO UCESTER: Descobriu a traição do outro e, ao tentar prendê-lo, recebeu o ferimento que aí vêem .

CO RNUALH A: Mandou persegui-lo?

G LO UCESTER: Mandei, m eu bom senhor.

CO RNUALH A: Se for preso, não deverem os voltar a temer sua vilania; faça o que bem entender, use com o quizer a m inha autoridade. Quanto a você, Edm undo, cuja virtude e obediência tanto se recomendam por si próprias neste instante, és um dos nossos; é de naturezas assim , profundamente leais, que estamos precisando. Ficas conosco, imediatamente.

EDM UNDO : Senhor, eu o servirei fielmente; e acima de tudo. G

LO UCESTER: Agradeço a Vossa Graça em nome dele. CO

RNUALH A: Não sabe por que vieram os visitá-lo...

REG ANA: ...assim , fora de hora, abrindo caminho pela noite cega. Assuntos, nobre Gloucester, de razoável importância e para os quais necessitam o teu conselho. Nosso pai nos escreveu, e nossa irmã também , sobre divergências de tal ordem que achei mais prudente não responder lá de casa: vários mensageiros estão aí fora esperando nossa decisão. Bom e velho

amigo, acalma a teu coração e dá teu conselho, imprescindível ao nosso problema, que exige uma ação imediata.

GLoucester: A seu serviço, senhora. Vossas Graças são realmente bem-vindas. (Saem. Fanfarras.)

## CENA II

(Diante do Castelo de Gloucester. Entram Kent e o mordomo Osvaldo, cada um por um lado.)

OSVALDO : Bom dia, am igo; pertences a esta casa?

KENT: P ertenço.

OSVALDO : Onde podem os botar nossos cavalos?

KENT: No pântano.

OSVALDO : P or favor, m e diz, bom am igo.

KENT: Eu não sou teu am igo.

OSVALDO : P ois então tam bém não sou teu.

KENT: Se eu te pegasse ali no curral eu te faria m eu. OSVALDO : P or que m e trata assim ? Eu nem te conheço. KENT: Mas eu te conheço, cam arada.

OSVALDO : P or quem você m e tom a?

KENT: P or um canalha, um patife, um com edor de restos; um velhaco arrogante, estúpido, indigente, apenas com três roupas, não m ais de cem libras e m eias fedorentas, um filho da puta covarde, sem sangue no fígado, que foge da luta e se queixa à j ustiça; trapaceiro afem inado e sabuj o. Um escravo que herdou apenas um baú, que presta qualquer serviço num a

alcova, um alcoviteiro; no fim , um a m istura de canalha, m endigo, covarde, rufião, filho e herdeiro de um a cadela bastarda; a quem eu espancarei até que estoure em berros, se negar a m enor sílaba destes títulos.

OSVALDO : Mas que m onstruoso indivíduo tu és, para ultraj ar de tal form a um a pessoa que não conheces e não te conhece!

KENT: E que lacaio de cara de bronze tu és para negar que m e conheces? Há dois dias atrás não te joguei no chão de pernas para o ar e te surrei diante do Rei? (Puxa a espada.) Desem bainha, velhaco! pois, em bora sej a noite, a lua brilha; e vou fazer de ti um a papa ao clarão da lua. Saca da espada, filho da puta, noj ento podabarbas – em guarda!

OSVALDO : Vai em bora; não tenho nada a tratar contigo.

KENT: Saca da espada, canalha; vieste trazer cartas contra o Rei e estás do lado da boneca Vaidade contra a realeza do pai dela. Tira essa espada, escroque, ou tuas patas viram picadinho. Desem bainha, patife, e enfrenta a luta.

OSVALDO : Socorro aí! Assassino! Socorro!

KENT: Defende-te, escravo! Em guarda, m iserável. Não fuj as não, m ais que escravo – golpeia, vam os! (Bate em Osvaldo.)

OSVALDO : Alguém aí, socorro! Assassino! Assassino! (Entra Edmundo, com a espada desembainhada, seguido de Cornualha, Regana, Gloucester e criados.)

EDMUNDO : O que é que foi? Que aconteceu? Solta! (Separa os dois.)

KENT: A vez agora é tua, bonito patrãozinho; faz favor. Vem que eu vou te ensinar o prim eiro gosto de sangue; avança, patrãozinho.

GLoucester: Espadas? Arm as? O que é que está acontecendo aqui?

Cornualha: P arem com isso, paz – se têm am or à vida. Quem der só m ais um golpe é um hom em m orto. Que aconteceu?

Regana: São os m ensageiros do Rei e de nossa irm ã. CO

Rnualha: Qual é a divergência entre vocês? Falem . OSVALDO : Eu m al posso respirar, m eu senhor.

KENT: Não adm ira, depois de exercitar tanto a tua coragem . Canalha covarde, a natureza te renega; foi um alfaiate quem te fez?

Cornualha: És um indivíduo estranho; um alfaiate faz um hom em ?

KENT: Um alfaiate, senhor; um escultor ou um pintor não poderiam tê-lo feito assim tão mal, mesmo que fossem simples aprendizes.

CO RNUALH A: Mas, conta; com o que com você essa disputa?

OSVALDO : Esse velho desordeiro, senhor, cuja vida eu poupei em respeito às suas barbas brancas...

KENT: Tu, “zê” filho da puta, letra desnecessária! Meu senhor, se o senhor me permitir, vou triturar este vilão grosseiro e fazer dele massa para rebocar paredes de latrina. Respeitar minhas barbas? Provavelmente não!

CO RNUALH A: Silêncio, idiota! Provavelmente irracional, não sabes o que é o respeito?

KENT: Sei, meu senhor; mas a raiva tem seus privilégios.

CO RNUALH A: E por que essa raiva?

KENT: Porque vejo um patife com o esse ter uma espada, não tendo um mínimo de honra para defender. São os sorridentes canalhas dessa espécie que tantas vezes, com o ratos, roem em dois os laços sagrados que, justamente por serem muito sólidos, é impossível desatar; lisonjeiam todas as paixões que habitam na alma dos seus senhores; jogam azeite no fogo, neve nos seus sentimentos mais gelados; ora negam, ora afirmam, e giram seu bico de gavião conforme

sopra o vento; e mudam aos caprichos dos patrões, não sabendo senão seguir os donos, com os cães. Caia uma peste em tua cara de epilético! Sorris de minhas palavras, como se eu fosse um imbecil? Ganso, se eu te pegasse na planície de Sarum te levaria cacarejando até teu galinheiro, em Camelot.

CO RNUALHA: Que é isso, está louco, meu velho? Está?

GLUCESTER: Como conseguiu essa briga? Conta.

KENT: Não há adversários que se antipatizem mais do que eu e esse patife.

CO RNUALHA: Porque chama assim? Qual é o seu crime?

KENT: Não vou com a cara dele.

CO RNUALHA: Nem vai com a minha, talvez, nem com a dele, nem com a dela.

KENT: Senhor, meu natural é ser franco; já vi em minha vida caras melhores do que as que estão nesse instante em minha frente, nesses ombros.

CO RNUALHA: Deve ser um desses pobres diabos que, uma vez louvado por não ter papas na língua, passa a usar sempre uma franqueza insolente, forçando a própria natureza. Ele é incapaz de adular, ele só! Um espírito simples e honesto; só fala a verdade verdadeira! Se os outros o aceitam, muito bem; se não, ele foi

franco! Eu conheço esse tipo de canalha que, em sua franqueza, esconde m ais

perfidia e corrupção do que vinte baj uladores cheios de salam aleques indecentes se m atando para exercer seu servilism o.

KENT: Senhor, em boa fé, verdade sinceríssim a, com perm issão de sua im ponente figura, cuj a influência, com o a flam ej ante grinalda de fogo fulgurando na frente de Febo...

CO RNUALH A: O que é que quer dizer isso?

KENT: Mudando o m eu estilo, senhor, que tanto o desagrada. Eu sei, acredite, que não sou um baj ulador. Quem enganou o senhor com seu tom de franqueza era um franco velhaco; coisa que eu, de m inha parte, j am ais seria, m esm o que o não sê-lo m e dê a certeza de obter seu desagrado.

CO RNUALH A: Em que foi que você o ofendeu?

OSVALDO : Em nada. Nunca. Faz pouco tem po, o Rei, seu am o, achou por bem m e bater, por um m al-entendido dele; foi quando esse aí se j untou ao Rei e, insuflando sua cólera, m e deu um pontapé. Eu caído, insultado, ridicularizado, ele se aproveitou para assum ir um a atitude de tal m asculinidade, quase de herói; e conseguiu os elogios do Rei, por atentar contra a vida de um hom em sem defesa. E foi ainda excitado por essa façanha grosseira que ele aqui tirou de novo a espada contra m im .

KENT: Não há um m alandro e covarde desses que não pretenda ser m ais esperto do que Aj ax.

CO RNUALH A: Tragam o tronco! Velho canalha e trapaceiro, venerável farsante, nós te ensinarem os.

KENT: Senhor, sou velho dem ais para aprender; não m ande trazer o cepo para m im , pois eu sirvo ao Rei – e foi ele quem m e m andou aqui falar com Vossa Senhoria. Seria de pouco respeito, prova de m aldosos atrevim ento contra a graça e a pessoa do m eu am o, entroncar seu m ensageiro.

CO RNUALH A: Tragam logo o cepo. Tão certo quanto eu ter vida e honra ele ficará aí até o m eio-dia.

REG ANA: Até o m eio-dia? Até a noite, m eu senhor, e a noite toda.

KENT: Olha, senhora, se eu fosse o cão do seu pai, a senhora não m e trataria dessa form a.

REG ANA: Mas trato, porque és apenas seu laçoi.

CO RNUALH A: Esse hom em é da m esm a raça dos outros de que fala nossa irm ã. Vam os, ponham o tronco aqui. (Trazem o tronco.)

G LO UCESTER: P erm ita que eu rogue a Vossa Graça para não fazer isso. A falta dele é grave, m as o Rei, seu patrão, saberá castigá-lo. O castigo hum ilhante que pretende aplicar-lhe é

punição reservada apenas para os criminosos mais vis e miseráveis, culpados de furtos e delitos da mais baixa espécie. O Rei vai se sentir ofendido na pessoa desse seu mensageiro, ao vê-lo submetido a tal vexame.

CORNUALHA: Eu respondo por isso.

REGINA: Minha irmã pode achar pior ainda que um cavaleiro seu tenha sido ultrajado e agredido ao cumprir suas ordens. Enfiem as pernas dele! (Kent é colocado no tronco.)

CORNUALHA: Vá, meu senhor, vá, vá embora. (Saem todos, menos

Gloucester e Kent.)

GLoucester: Lamento por ti, amigo; é um capricho do duque, cujo temperamento, todo o mundo conhece, não admite oposição nem obstáculos: mas intercederei por ti.

KENT: Por favor, não faça isso, meu senhor. Não tenho dormido, pois a viagem foi dura. Vou dormir um a parte do tempo e assobiar a outra. Quem sabe a fortuna de um homem com eça pelos calcanhares? Deus lhe dê um bom dia.

GLoucester: O duque não agiu bem; isto vai acabar mal. (Sai.)

KENT: Bom Rei, tens de confirmar o dito popular: “Um dia o frescor do céu, noutro um sol infernal”. Aproxima-te, farol deste m

undo inferior, para que, com a ajuda de teus raios, eu possa ler esta carta. Só mesmo a desventura é capaz de ver milagres. Sei que isso vem de Cordélia, que, por sorte, foi informada do meu procedimento secreto e espera o momento para remediar esse estado de coisas monstruoso. Ó, meus olhos pesados, tirem vantagem do extremo cansaço da vigília para não ver a vergonha deste alojamento. Fortuna, boa-noite: sorri-me mais uma vez; gira tua roda. (Dorme.)

### CENA III

(Na mata. Entra Edgar.)

EDGAR: Ouvi gritarem em meu nome e, graças ao acaso propício de um a árvore, escapei à caçada. Não há saída, nenhum lugar onde um guarda e a mais rigorosa vigilância não procurem prender-me. Enquanto estou livre devo arranjar um meio de salvar minha vida. Estou resolvido a assumir a aparência mais vulgar e miserável, o limite em que a miséria, na sua degradação do homem, o aproxima do animal. Sujarei meu rosto com estrume, enrolarei trapos na cintura, como os duendes darei nós nos meus cabelos e, expondo minha nudez, afrontarei os ventos e as inclemências do céu. O lugar me oferece exemplos e modelos – os mendigos do hospício de Bedlam, com berros horripilantes, enfiam, nos braços nus, intumescidos e dormentes, alfinetes, espinhos, pregos, farpas de árvore e, com esse horrível aspecto, percorrem granjas pobres, aldeias miseráveis, currais e moinhos e, às vezes com imprecações lunáticas, outras com orações, forçam a caridade dos que encontram. Ser um pobre malthusiano, um pobre Tom, ainda é alguma coisa. Edgar já não é nada. (Sai.)

## CENA IV

(Em frente ao castelo de Gloucester. Kent no tronco. Entram Lear, o Bobo e um cavalheiro.)

LEAR: É estranho que tenham partido assim, sem mandar de volta o mensageiro.

CAVALEIRO: À noite passada eles não tinham a menor intenção de ir em bora.

KENT: Saúdo a ti, meu nobre amigo.

LEAR: O quê? Tu te divertes com essa ignomínia?

KENT: Não, meu senhor.

BOBO: Ele não liga porque as ligas estão apertadas. Os cavalos são amarrados na cabeça, pelo pescoço os cães e os ursos, os macacos pelo ventre e os homens pelas pernas.

Quando alguém tem as pernas muito ágeis obrigam-no a usar muleiras de pau.

LEAR: Quem foi que de tal forma ignorou tua posição e te colocou nesse lugar?

KENT: Ele e ela; teu filho e tua filha.

LEAR: Não.

KENT: Sim.

LEAR: Não, eu digo.

KENT: Eu digo sim .

LEAR: Não, não; não o fariam .

KENT: Sim , o fizeram .

LEAR: Digo que não, por Júpiter.

KENT: P or Juno, j uro que sim !

LEAR: Eles não ousariam , eles não poderiam , eles nunca o fariam . É pior que um assassinato praticar deliberadam ente afronta tão violenta. Explica, rápido, o que fizeste para m erecer tal tratam ento e com o eles se atreveram , sabendo que fom os nós que te enviam os.

KENT: Meu senhor, quando cheguei na casa deles, e entreguei as cartas de Vossa Alteza, antes m esm o que pudesse m e erguer do local em que estava respeitosa mente aj oelhado, chegou um outro correio fum egante, cozido pelo suor da própria pressa; quase sem ar arquej ou saudações m andadas por Goneril, sua patroa, e, sem se preocupar com a introm issão, entregou cartas que eles leram num instante. Em vista do conteúdo reuniram os servidores, m ontaram logo a cavalo, m e ordenaram que os seguisse e esperasse com calm a um a resposta, enquanto m e olhavam com frieza. Ao encontrar aqui o outro m ensageiro, cuj a boa acolhida percebi que tinha envenenado a m inha – era o m

esm o indivíduo que há pouco tem po foi tão insolente para com Vossa Alteza – eu, sentindo dentro de mim a honra bridade vencer o bom senso, puxei fora a minha espada. Ele acordou toda a casa com seus berros de medo. Teu filho e tua filha acharam que essa ofensa merecia a vergonha que aqui sofro.

B O BO : O inverno ainda não acabou se os gansos selvagens voam nessa direção.

P ai que anda esmolando

O filho é cego, o desgraçado. Mas se tem o burro do dinheiro O filho é quem o vê primeiro. A fortuna é puta nobre

Nunca abre para um pobre.

Seja com o for, este ano tuas filhas

vão te dar mais dores do que dólares.

LEAR: Oh, com o esta ânsia me enche o coração! Fora de meu peito, histórica paixão! baixa, ó angústia crescente. Onde está a minha filha?

KENT: Com o conde, senhor, aí dentro.

LEAR: Ninguém me siga; fiquem aqui. (Sai.)

CAVALEIRO : Não fizeste outra ofensa além do que contaste?

KENT: Nenhum a. Mas por que o Rei veio com tão poucos homens?

B O BO : Se você tivesse sido colocado aí no tronco por essa pergunta, bem que m erecia.

KENT: P or que, Bobo?

B O BO : Te m andarem os na escola da form iga para aprenderes que não se trabalha no inverno. Todos os que vão atrás do próprio nariz são guiados pelos próprios olhos, exceto os cegos; e só um nariz em vinte é incapaz de sentir o fedor da m á fortuna. Quando um a roda grande despenca pelo m orro, larga o com ando senão tu quebras o pescoço, arrastado por ela. Mas se a roda grande sobe o m orro, deixa que ela te puxe m orro acim a. Se um sábio te der m elhor conselho do que este, devolve o m eu. Eu gostaria que só patifes seguissem esse conselho, j á que é um bobo que aconselha.

Quem só serve por ganância

E apenas finge lealdade Se vê chuva faz a trouxa Te deixa na tem pestade.

Mas eu não partirei. O Bobo fica; O hom em sensato é que abdica. O patife que foge vira bobo; Nunca é patife, o Bobo que fica.

KENT: Onde foi que aprendeste isso, Bobo?

B O BO : Aí no tronco não foi, bobo. (Entram Lear e Gloucester.)

LEAR: Recusam falar comigo? Estão doentes, estão cansados, viajaram a noite inteira? Desculpas frouxas, sinais de revolta e deserção! Exijo explicação melhor.

GLUCESTER: Meu caro senhor, o senhor conhece o temperamento colérico do duque. Com ele é inflexível e obstinado nas suas decisões.

LEAR: Vingança! Peste! Morte! Confusão!  
“Colérico”? Que

“temperamento”? Bom, Gloucester, Gloucester, eu gostaria de falar ao duque de

Cornualha e sua esposa.

GLUCESTER: Bem, meu caro senhor, eu já os informei. LEAR: Informou! Está me entendendo, homem? GLUCESTER: Sim, meu bom senhor.

LEAR: O Rei gostaria de falar com Cornualha; o estremecido pai gostaria de falar à sua filha; e exige obediência. Eles estão informados disso? Pelo ar que respiro e por meu sangue! “Colérico”, é? “O colérico duque”? Diga ao feroso duque que – não, ainda não, talvez não esteja passando bem. A doença falta sem premissas obrigações que a saúde não pode ignorar. Já não somos nós mesmos quando a natureza oprimida obriga o espírito a padecer com o corpo. Terei paciência; meu lado mais precipitado me levou a julgar com o sono um homem indisposto e

doente. (Olhando Kent.) Morte à minha realza! Por que o puseram aí? Esse ato me convence de que a partida do duque e da minha mulher é somente uma manobra. Libertem meu servidor agora mesmo. Vai dizer ao duque e à sua mulher que quero falar com os dois, mas sem demora! Agora, já! Que venham aqui e me escutem ou ficarei batendo um tambor na porta deles até que o barulho lhes mate o sono.

GLUCESTER: Gostaria que tudo voltasse à paz entre os senhores. (Sai.)

LEAR: Ai de mim! Meu coração, meu coração sufoca! Calma!

BOBO: Grita com ele, titio, com a cozinheira gritava com as enguias quando as metia vivinhas na massa do pastel. Dava-lhes uma paulada na cabeça e gritava: “Para baixo, suas vagabundas, para baixo!” E o irmão dela gostava tanto do próprio cavalo que só lhe dava feno com manteiga. (Entram Cornualha, Regana, Gloucester, criados.)

LEAR: Bom -dia para ambos.

CORNUALHA: Salve, Vossa Graça. (Kent é posto em liberdade.)

REGANA: Estou contente em ver vossa Alteza.

LEAR: Regana, acredito que esteja – e tenho minha razão para acreditar. Se não estivesse contente eu me divorciaria da tumba da tua mãe, pois seria a sepultura de uma adúltera. (A

Kent.) Ah, estás livre? Tratarem os disso noutra ocasião. Bem , amada Regana, tua irmã é uma depravada. Ó, Regana, com o um abutre ela enterrou aqui o afiado bico da ingratidão. Mal consigo falar. Você nem pode imaginar com o tua irmã foi perversa, ó, Regana!

REG ANA: Eu lhe rogo, senhor, tenha paciência. Espero que o senhor é quem esteja avaliando mal seus méritos e não ela faltando a seus deveres.

LEAR: Que dizes? Com o assim ?

REG ANA: Não posso acreditar que minha irmã esqueça a menor de suas obrigações. Se por acaso, senhor, ela reprimiu a violência de seus homens, deve ter feito isso com excelentes motivos e com intenções tão salutares que a colocam acima de qualquer censura.

LEAR: Minha maldição sobre ela!

REG ANA: Oh, senhor, o senhor está velho; a natureza em seu corpo já atingiu o seu limite extremo; deveria deixar-se guiar e governar pelo discernimento de alguém capaz de compreender sua condição melhor do que o senhor mesmo.

Por isso eu lhe peço que retorne para junto de nossa irmã; e confesse que foi injusto para com ela.

LEAR: Pedir-lhe perdão? Repara com o isto condiz com a dignidade da realeza: “Querida filha, confesso que estou velho.” (Ajoelha.) “E a velhice é inútil. Im ploro de j oelhos que se digne m e conceder roupa, cam a e m esa”.

REG ANA: Bom senhor, não prossiga. É um a brincadeira de m au gosto. Volte à casa de m inha irm ã.

LEAR: (Levanta-se.) Nunca, Regana. Ela j á reduziu à m etade a m inha escolta, m e olhou com olhares de desprezo, e, com sua língua de víbora, trespassou m eu coração. Que todas as reservas de castigos do céu caiam sobre a sua cabeça ingrata! Sopros de ventos pestilentos infectem a m edula dos ossos dos filhos que tiver.

CO RNUALH A: Basta, senhor, basta!

LEAR: Relâm pagos velozes ceguem com suas cham as seus olhos insolentes! Que o m iasm a aspirado dos pântanos pelo sol poderoso corroa de varíolas sua beleza, hum ilhando e destruindo seu orgulho.

REG ANA: Oh, deuses benditos! O senhor m e am aldiçoará do m esm o m odo quando tiver outro acesso de ódio.

LEAR: Não, Regana, j am ais terás m inha m aldição. Tua natureza cheia de ternura não te deixará cair na crueldade. É feroz o olhar de tua irm ã; teus olhos tranqüilizam e não queim am . Não está em ti lim itar m eus prazeres, reduzir o m eu séquito, m e atirar

palavras ofensivas, restringir meus gastos e, por fim, impedir minha entrada com um ferrolho na porta. Tu conheces meus elhos os deveres naturais, os laços filiais, regras de cortesia, as dívidas da gratidão. Tu não esqueceste que te dei com o dote meu etade do meu reino.

REG ANA: Bom, senhor, ao assunto.

LEAR: Quem colocou meu hom em nesse tronco? (Trombetas lá dentro.)

CO RNUALH A: De quem é essa trombeta?

REG ANA: Eu conheço – é de minha irmã. Confirma a carta em que dizia que breve estaria aqui. (Entra Osvaldo.) Já chegou a sua senhora?

LEAR: Eis aí esse escravo cuja arrogância de aluguel barato se apóia na leviana proteção daquela a quem se aluga. Fora, vagabundo, sai da minha frente!

CO RNUALH A: Que quer dizer Vossa Graça?

LEAR: Quem colocou no tronco o meu correio? Regana, espero que não saibas nada sobre isso. (Entra Goneril.) Quem vem lá? Ó, Deus! Se tens amor aos velhos, se tua pacífica autoridade recomenda a obediência, se tu próprio és velho, faz da minha a tua causa, manda alguém em meu auxílio, toma meu partido. (A

Goneril.) Tu não tens vergonha de olhar para estas barbas? Ó, Regana, lhe darás tua mão?

G O NERIL: Por que não me dar a mão, senhor? Que crime eu cometi? Não é crime tudo que o desatino chama a crime e nem o que a senilidade chama assim.

LEAR: Meu peito, como és forte! Resistirás até quando? Quem pôs-me eu servidor no tronco?

CO RNUALH A: Eu o pus ali, senhor; mas as desordens que fez mereciam-me enor condescendência.

LEAR: Tu? Fizeste isso?

REG ANA: Eu lhe peço, meu pai, o senhor está debilitado, não esconda. Se o senhor quiser voltar para minha irmã e ficar com ela até o final do seu mês, dispensando metade de seus homens, poderá então ficar comigo. Agora estou fora de casa e sem as provisões necessárias para acolher o senhor devidamente.

LEAR: Voltar para ela e dispensar cinquenta homens? Não, renuncio primeiro a todo e qualquer teto; prefiro enfrentar a inclemência do tempo, ser com panheiro do lobo e da coruja no sofrimento extremo da miséria. Voltar para ela? Seria o mesmo que me ajoelhar diante do trono do tempestuoso rei da França – que, sem nenhum dote, me levou minha filha mais moça – e, com o um escudeiro, me endigar uma pensão só para manter a vida miserável. Voltar para ela? É mais fácil me

convencer a ser escravo ou burro de carga deste laçao desprezível.

G O NERIL: Com o quiser, m eu senhor.

LEAR: Filha, eu te peço; não m e faças enlouquecer. Não te incomodarei m ais, m inha filha; adeus. Não nos encontrarem os m ais; não nos verem os m ais. Mas ainda és m inha carne, m eu sangue, m inha filha; ou m elhor, um a doença na carne, que sou forçado a reconhecer que é m inha; és um tum or, um a ferida inchada, um furúnculo apustem ado em m eu sangue apodrecido. Mas não quero te acusar. Que a vergonha caia sobre ti no m om ento devido; eu não a cham o. Não apelarei para quem tem na m ão os raios para que te fulmine; nem te denunciarei a Júpiter, o Juiz Supremo. Em enda-te quando puderes, m elhora quando entenderes. Eu posso ser paciente; posso ficar com Regana. Eu e m eus cem cavaleiros.

REG ANA: Não é bem assim . Eu ainda não o esperava e não estou preparada para acom odá-lo de m aneira digna. Dê ouvidos a m inha irm ã, senhor; pois todos os que com param a fúria do senhor com o bom senso dela só podem concluir que o senhor está velho, e assim ... Mas ela sabe o que faz.

LEAR: E você sabe o que diz?

REG ANA: Ouso j urar que sim , m eu senhor. Com o, cinqüenta cavaleiros não são suficientes? P ara que o senhor precisa m

mais? É, ou mesmo tantos? As despesas e os riscos aconselham redução bem maior. É possível, numa mesma casa, manter toda essa gente sob dois comandos e conservar a harmonia? É difícil; eu diria impossível.

GONERIL: Por que, meu senhor, não aceita ser servido pelos criados dela ou então pelos meus?

REGINA: Por que não, meu senhor? Nesse caso, se algum deles se mostrasse negligente em seu serviço, poderiam os controlá-lo. Se o senhor quiser ficar comigo – agora que vejo o perigo – recomendo que não traga mais de vinte e cinco homens. Não posso receber nem alojá-los mais que isso. Não posso dar mais...

LEAR: Eu lhes dei tudo...

REGINA: E em muito boa hora.

LEAR: Fiz de vocês minhas guardiãs, minhas tutoras; mas reservei o direito de conservar meu séquito. Por que devo agora ir à tua casa com vinte e cinco homens? Regina, foi o que disseste?

REGINA: Disse e repito, meu senhor. Nem um a mais.

LEAR: As criaturas perversas nos parecem agradáveis quando encontram os outros mais perversos; não ser o pior já é uma qualidade e merece elogio. (Para Goneril.) Vou contigo: teus

cinquenta dobram os seus vinte e cinco; teu afeto é duas vezes o dela.

G O NERIL: Escuta-me, senhor – que necessidade o senhor tem de vinte e cinco? Ou dez? Ou cinco? Num a casa onde criados em número duas vezes maior estarão a seu dispor?

REG ANA: Não necessita de um só.

LEAR: Oh, não vamos discutir necessidades! Nossos miseráveis mais miseráveis sempre têm alguma coisa que é supérflua às suas necessidades miseráveis. Se concedermos à natureza humana apenas o que lhe é essencial, a vida do homem vale tão pouco quanto a do animal. Tu és uma senhora; se bastasse estar aquecida para se sentir elegante, bem, a natureza não necessita dessa elegância toda, que mal e mal te aquece. Mas, quanto à necessidade verdadeira... Ó, céus, dai-me paciência, que paciência eu necessito! Vós estais vendo aqui, ó deuses! um pobre velho, tão cheio de acasos quanto de anos; e desgraçado em ambos. Se sois vós que envenenais o coração destas filhas contra o pai, não me obrigueis ainda mais à humilhação de suportar tudo mansamente; despertai-me uma nobre fúria e não deixeis que as armas das mulheres, gota d'água, manchem minhas faces masculinas. Não, bruxas desumanas! Eu me vingarei de tal modo em vocês duas que o universo inteiro verá – eu farei isso! Não sei ainda o que, mas será o terror no universo. Estão pensando que eu vou chorar? Não, eu não vou

chorar. (Sinais de tempestade.) Tenho muitos motivos para chorar; mas este coração estourará em cem mil pedaços antes que eu chore. Ó, Bobo, estou enlouquecendo. (Saem Lear, Bobo, Kent e Gloucester.)

CONDUÇÂO: Vão os entrar; vem aí tempestade. (Ouve-se a tempestade.)

REGINA: Esta casa é pequena; o velho e seus homens não ficarão bem alojados.

CONDUÇÂO: A culpa é dele; por vontade própria abandonou sua tranqüilidade;

tem que pagar por sua loucura.

REGINA: Eu o receberia de bom grado, ele sozinho, mas nem um só dos que o acompanham.

CONDUÇÂO: O mesmo digo eu. Onde está o meu senhor de Gloucester?

CONDUÇÂO: Está lá fora, acompanhando o velho. (Entra Gloucester.) Ah, eis-lo de volta.

GLoucester: O Rei está furioso.

CONDUÇÂO: Para onde vai?

GLoucester: Deu ordem de montar; para onde eu não sei.

CONDUÇÂO: É melhor lhe deixar o caminho livre; ele se guia.

G O NERIL: Meu senhor, não lhe peça para ficar de modo algum .

G LO UCESTER: Ai, a noite se aproxima e os ventos gelados sopram furiosos;

em m ilhas ao redor m al se vê um arbusto.

REG ANA: Oh, senhor, para os homens teimosos as desgraças que eles próprios buscaram devem servir de lição. Tranque suas portas. Ele tem uma escolta de gente desesperada. A prudência aconselha a temer os excessos a que esses homens o podem instigar, acostumados com o estão a seduzir seus ouvidos.

CO RNUALH A: Tranque suas portas, meu senhor; está uma noite pavorosa. Minha Regana aconselhou bem . Fugamos da tempestade. (Saem.)

FIM DO SEGUNDO ATO

## ATO III

### CENA I

(Um descampado. Tempestade, com trovões e relâmpagos.

Entram Kent e um cavaleiro. Encontram-se.)

KENT: Quem está aí, além do meu tempo?

CAVALEIRO : Um homem com o espírito do tempo; perturbado.

KENT: Eu te conheço. Onde está o Rei?

CAVALEIRO : Lutando com o furor dos elementos; ordena aos ventos que atirem a terra dentro do mar ou cubram o continente com ondas gigantescas para que as coisas mudem ou deixem de existir. Arranca os cabelos brancos que as rajadas violentas, numa raiva cega, apanham em sua fúria e reduzem a nada. Do seu desprezível mundo de homem ele se agiganta, escarnecendo das voltas e revoltas do mundo com bate entre a chuva e o vento. Num a noite assim , quando a urso esfaimada, que amamenta os filhotes, prefere não sair da toca, e o leão e o lobo, com o estômago roído pela fome, preferem conservar o pêlo seco, ele corre com a cabeça descoberta, invocando o fim do mundo.

KENT: Mas quem está com ele?

CAVALEIRO : Som ente o Bobo, que se excede em gracej os tentando fazê-lo esquecer as angústias do seu coração m agoado.

KENT: Senhor, eu o conheço e, assegurado por esse m eu conhecim ento, vou lhe confiar um a coisa im portante. Há um feroz desacordo entre os duques de Albânia e Cornualha, em bora isso, até agora, estej a encoberto por m útua dissim ulação. Am bos têm em volta de si – e quem não os tem entre aqueles cuj a boa estrela sentou num trono e colocou nas alturas? – servidores com toda a aparência de sim ples lacaios m as que na realidade espiões e observadores do rei da França recolhendo inform ações em nosso reino. Do que eles viram , sej a das brigas e intrigas entre os duques, ou da dura conduta que tiveram contra o velho e generoso Rei, ou ainda algum a coisa m ais grave que torne tudo isso insignificante, o certo é que, se aproveitando de nosso despreparo, um exército francês j á penetrou neste reino estraçalhado e pôs os pés, secretam ente, em alguns de nossos m elhores portos, estando pronto para desfraldar ali a sua bandeira. Aqui entra o senhor; se, acreditando em m im , o senhor se resolve a m archar rapidam ente até Dover, ali encontrará alguém que lhe agradecerá logo que lhe tiver feito um relato correto do tratam ento desum ano e enlouquecedor sofrido pelo Rei. Sou um cavalheiro de sangue e

educação e lhe confio esta missão com conhecimento de causa e certo do que faço.

CAVALEIRO : Falarem os meus pais tarde sobre isso.

KENT: Não, já falam os! Para provar que sou muito mais que minha aparência exterior, abra esta bolsa e fique com o que ela contém . Se encontrar Cordélia – não há que temer, o senhor a encontrará – mostre-lhe este anel e ela

lhe dirá quem é este com panheiro que o senhor ainda não sabe quem é. Maldita tempestade! Vou procurar o Rei.

CAVALEIRO : Dê-me sua mãe. Não tem mais nada a dizer?

KENT: Poucas palavras mais que, por sua importância, valem mais do que todo o já falado. Quando encontrarmos o Rei – e para isso peço a sua ajuda, o senhor indo por ali, e eu por aqui – o primeiro que o avistar gritará pelo outro. (Saem, cada qual para um lado.)

## CENA II

(Outro local do descampado. A tempestade continua. Entram Lear e o Bobo.)

LEAR: Sopra, vento, até arrebentar tuas bochechas! Ruge, sopra! Cataratas e trombas do céu, jorrem torrentes até fazer submergir os campanários e afogar os galos de suas torres. Relâmpagos de enxofre, raios rápidos que o pensamento, precursores dos raios que estilhaçam o carvalho, queimam minha cabeça branca. E tu, trovão que abala o universo, achata para sempre a grossa redondez do mundo! Quebra os moldes da natureza e destrói de uma vez por todas as semelhanças que geram a humanidade ingrata!

BOBO: Oh, titio, a água benta da bênção numa casa bem seca é melhor do que esta água de chuva a céu aberto. Entra, titio bonzinho, e pede a bênção a tuas filhas. Esta noite não tem pena nem dos bobos nem dos sábios.

LEAR: Arrota as tuas entranhas! Vomita, fogo! Alaga, chuva! A chuva, o vento, o trovão e o fogo não são minhas filhas. Elementos, eu não os acuso de ingratidão; nunca lhes dei reinos ou chamiei de filhos, nunca me deveram obediência alguma. Portanto, podem despejar sobre mim o horror do seu arbítrio. Olhem, aqui estou eu, seu escravo, um pobre velho, débil,

doente, desprezado. Mas continuo a chamá-los de cúmplices subservientes que se uniram a minhas duas desgraçadas filhas para lançar os batalhões do céu contra esta cabeça tão velha e tão branca. Oh! Oh! É revoltante!

B O BO : Quem tem um a casa onde botar a cabeça tem um belo capacete. Quem cuida mais da braguilha

Do que da própria virilha

Terá piolhos à beça

Na cabeça e na... cabeça. Quem cuida mais do dedão Do que do seu coração

Não dormirá mais, traído

Por um calo dolorido.

Pois nunca houve uma mulher bonita que não fizesse boquinhas diante do espelho. (Entra Kent.)

LEAR: Não; serei um modelo de paciência. Não direi nada.

KENT: Quem está aí?

B O BO : Olá, uma realza e uma braguilha aberta; isto é, um sábio e um Bobo. KENT: Salve, senhor, estás aqui? Mesmo os seres que amam a noite não amam noites com o esta. Os céus enfuriados assustam até os animais que rondam nas trevas, obrigando-os a não sair de seus covis. Desde que me conheço com o homem não me lembro de jamais ter ouvido tais

rajadas de fogo; tão assustadores estrondos de trovões; uivos e lammentos da chuva e do vento iguais a

esses. A natureza humana não pode suportar essa aflição e esse horror.

LEAR: Que os deuses poderosos, que desencadeiam esse cataclisma sobre nossas cabeças, descubram, afinal, seus inimigos. Trem e, infame, que levas dentro de ti crimes ignorados, ainda não flagelados pela justiça. Esconde-te, mão

ensanguentada, e tu, mentiroso! Oculta-te, incestuoso que simulas virtudes. Trem e até arrebentares em pedaços, canalha que, protegido por tua hipocrisia e tua aparência honrada, atentaste contra a vida de outro homem. Culpas impenetravelmente escondidas, rompas as grades que as ocultam e gritem por misericórdia ante os inquisidores implacáveis. Sou um homem contra quem pecaram muito mais do que pequei.

KENT: Ai de mim! Com a cabeça descoberta! Meu bondoso senhor; a dois passos daqui há uma cabana; pode servir de proteção amigável durante a tempestade. Repouse lá enquanto volto a essa dura casa (mais dura do que as próprias pedras com que foi construída e onde agora me esmo, quando fui lá indagando pelo senhor, me recusaram a entrada). Tentarei forçar a sua mesquinha hospitalidade.

LEAR: A minha razão com eça a vacilar. Vem cá, meu filho. Com  
o estás tu, meu rapaz? Estás com frio? Eu também estou com  
frio. Onde está essa palhoça, com panheiro? Que alquim ia  
estranha a das nossas necessidades; torna preciosas as coisas mais  
miseráveis. Vam os para a tal cabana. Pobre Bobo e  
pobre servidor, ainda me sobra um pedaço de coração para  
sentir piedade de ti.

B O BO : (Canta.) Quem ainda não caiu em desatino

Olalá, com tal chuva e ventania Deve ficar feliz com seu destino  
Mesmo que chova chuva noite e dia.

LEAR: É verdade, rapaz. Vam os, me leva a essa cabana! (Sai com  
Kent.)

B O BO : Esplêndida noite, capaz de esfriar até um a cortesã!  
Antes de ir em bora vou fazer um a profecia:

Quando os padres só falarem o que exalte Cervejeiros não  
puserem água no malte As damas ensinarem honra às freiras  
Homens de bem não ficar engalicaoado

Só ficarem os que andam com as ramieiras

Não houver cavalheiro endividado Nem escudeiro vivendo na miséria  
Todo processo for bem processado Não existir intriga  
deletéria

Nem am igos do alheio no m ercado. Avarentos contarem o  
dinheiro à luz do dia Decaídas e devassos não estiverem

No m ais alto grau da hierarquia

Aí este reino de Albion

Vai ser só o que é bom

Será esse o tem po, quem viver verá, Em que para andar, os pés  
se usará.

Merlino fará esta profecia, um dia, pois eu vivo antes do seu tem  
po. (Sai.)

### CENA III

(Um aposento no castelo de Gloucester. Entram Gloucester e Edmundo.)

GLoucester: Ai, ai, Edmundo, não estou de acordo com esse cruel procedimento. Quando lhes pedi licença para ter piedade dele, não me deixaram dispor de minha própria casa e, sob pena de seu perpétuo desfavor, me proibiram de falar com ele, suplicar por ele, tomar o seu partido de qualquer maneira.

Edmundo: Coisa selvagem, cruel procedimento!

GLoucester: Cuidado! não digas nada. Há uma desavença entre os duques, e coisa pior ainda. Esta noite recebi uma carta da qual é perigoso falar – fechei-a no meu quarto. As ofensas que o Rei agora sofre serão vingadas plenamente; parte de um exército já pôs pés em terra; tem os de apoiar o Rei. Procurarei por ele e o ajudarei secretamente. Enquanto isso, tu conversarás com o duque para que ele não descubra a minha caridade. Se perguntar por mim, estou doente e recolhido ao leito. Se eu morrer por isso – e de nada menos fui ameaçado – o Rei, meu velho senhor, deve ser socorrido a qualquer custo. Coisas estranhas vão acontecer. Edmundo, te recomendo prudência.  
(Sai.)

EDMUNDO: Desse ato de caridade que te foi proibido, o duque terá conhecimento imediato. E da carta também. Este serviço merece recompensa e deve-me fazer ganhar o que meu pai perdeu;

isto é, tudo o que tem.

A sua queda é para o meu bem. (Sai.)

Cena IV

(No descampado. Uma cabana. Continua a tempestade. Entram Kent, Lear e o

Bobo.)

KENT: É este o lugar, meu senhor. Entre, meu bom senhor. A tirania desta noite ao aberto é violenta demais para a natureza humana. (Continua a tempestade.)

LEAR: Deixe-me sozinho.

KENT: Meu bom senhor, entre aí.

LEAR: Queres partir meu coração?

KENT: Mais facilmente partiria o meu. Entre, meu bom senhor.

LEAR: Tu pensas que é demais suportar esta tempestade furibunda penetrando até os ossos. Para ti deve ser: mas onde se alojou a dor maior mal se percebe a dor menor. Evitarias

enfrentar um urso: mas se tua fuga te jogasse dentro do mar enfurecido não temerias a goela do animal. Quando a alma está em sossego, o corpo é mais sensível: a tempestade da minha alma apaga em meus sentidos toda outra sensação senão a que dói aqui. Ingratidão filial! É com o se esta boca decepasse esta mão que lhe dá o alimento. Mas a minha punição irá até o fundo; não, não quero chorar mais. Num a noite com o esta, jogar-me e ao desamparo! (A tempestade.) Cai, torrente do céu, que eu agüentarei! Em um a noite assim! Ó, Regana, ó Goneril, vosso pai bondoso e velho, cujo coração aberto vos entregou tudo... Oh, esse é o caminho que conduz à demência; é preciso evitá-lo. Chega com isso.

KENT: Meu bom senhor, entre aí.

LEAR: Entra tu, eu te peço; procura proteção para ti mesmo. Esta tempestade não me dará calma para pensar em coisas que me fariam sofrer ainda mais. Mas vou entrar. (Ao Bobo.) Entra, rapaz, e dormirei depois. (Sai o Bobo.) Pobres desgraçados nus, onde quer que se encontrem sofrendo o assalto desta tempestade impiedosa, com as cabeças descobertas e os corpos esfaimados, cobertos de andrajos feitos de buracos, com o se defendem vocês de uma intempérie assim? Oh! Eu me preocupei bem pouco com vocês! Pompa do mundo, é este o teu remédio; expõe-te a ti mesmo no lugar dos desgraçados, e

logo aprenderás a lhes dar o teu supérfluo, m ostrando um céu m  
ais j usto.

EDG AR: (De dentro.) Braça e m eia, braça e m eia. P obre Tom  
! (Entra o  
Bobo.)

B O BO : Não entra não, titio; tem um espírito aí dentro. Socorro!  
Socorro!

KENT: Me dá tua m ão. Quem está aí?

B O BO : Um espírito! Um espírito! Diz que se cham a P obre Tom .

KENT: Quem é que está aí grunhindo nessa palha? Sai fora! (Entra  
Edgar, como Tom, o maluco.)

EDG AR: Fugam ! O demônio im puro está atrás de mim . Os  
ventos sopram pelos ramos pontiagudos do pinheiro... Hum m  
m ! Vai pra tua cama fria te esquentar!

LEAR: Também deste tudo a tuas filhas? É por isso que te  
encontras nesse estado?

EDG AR: Quem dá alguma coisa ao pobre Tom ? O desgraçado  
demônio me fez atravessar o fogo e as chamas, torrentes e  
redemoinhos, pântanos e areias movediças; colocou facas sob  
meu travesseiro, laços de força em meu caminhar, veneno de rato  
em minha sopa e encheu meu coração de tanto orgulho que me  
achei capaz de montar um cavalo baio e atravessar a trote um

a ponte com apenas quatro dedos de largura, perseguindo minha própria sombra com o se fosse um traidor. Deus que conserve teus cinco juízos. Tom está com frio. Oh, dá, dá, dá, dá, dá, dá. Deus te proteja dos furacões, dos astros maléficos e das pestilências. Uma caridade para o pobre Tom, atordoado pelo espírito do mal. Se eu pudesse pegá-lo agora aqui – ou então ali, depois ali e ali, ali... (A tempestade continua.)

LEAR: As filhas dele o reduziram a esse estado? (A Edgar.) Não pudeste salvar coisa nenhuma? Lhes entregaste tudo?

BOBO: Não, guardou um cobertor, para cobrir com ele suas vergonhas.

LEAR: Então que todas as pragas, que o destino mantém suspensas no ar para castigar erros humanos, caíam de uma vez só sobre tuas filhas!

KENT: Ele não tem filhas, senhor.

LEAR: À morte, traidor! Nada poderia reduzir um ser humano a tamanha baixaza senão a ingratidão das filhas. É costume e que os pais assim rejeitados tenham tão pouca piedade de sua própria carne? Castigo merecido – pois foi essa mesma carne que gerou essas filhas de pelicano.

EDGAR: O Pelicano sentou no monte Pelicano. Lololó, lolóri! có-có-ri-có.

B O BO : Esta noite fria vai nos deixar a todos loucos e assustados.

EDG AR: Cuidado com o espírito maligno; obedece a teus pais; cum pre sem pre tua palavra; não blasfemes; não prevariques com a esposa legítima de teu próximo; não te enfeites com roupas ostentosas. Tom está com frio.

LEAR: O que é que tu eras?

EDG AR: Um servidor, de coração e espírito orgulhosos; que ondulava os cabelos, punha as luvas no chapéu, atendia aos desejos lascivos do coração de minha senhora, realizando com ela o que se faz nas trevas. Minhas juras eram tantas quanto minhas palavras e as descumpria todas à luz clara do céu. Eu era alguém que dormia pensando em projetos de luxúria e acordava para realizá-los. Amava profundamente o vinho e com ternura os dados; quanto às mulheres eu superava um turco. Falso de coração, fácil de ouvido, não sanguinária; porco pela preguiça, raposa pela astúcia, leão na pilhagem, voraz como um lobo, um cão raivoso. Não deixes que o ranger de uns sapatos ou o sussurrar de sedas entreguem teu pobre coração a uma mulher: não põe teu pé nos bordéis, tuas mãos nas saias, teu nome em livro de usurários; e poderás desafiar o demônio impuro. O vento gelado continua a soprar pelos ramos do espinheiro; e diz, zuum, zuum, munn, num. Delfim, meu rapaz, meu rapaz, cessa! Deixa o vento trotar! (A tempestade continua.)

LEAR: Estarias melhor na sepultura do que expondo teu corpo nu a tais extremos do céu. O homem é apenas isto? Observem - no bem . Não deve a seda ao verme, a pele ao animal, a lã à ovelha, nem seu odor ao almisca-reiro. Ah! aqui estão os nós três, tão adulterados. Tu não, tu és a própria coisa. O homem, sem os artifícios da civilização, é só um pobre animal com o tu, nu e bifurcado. (Começa a despir-se.) Fora, fora com estes trapos em prestados. Desabotoa aqui. (Começa a arrancar as roupas.)

BOBO: Titio, por favor, com calma. A noite não está boa para a natação. (Vê o archote.) E essa fogueirinha aí no descampado é com o coração de um velho libertino: um calorzinho só e todo o resto do corpo bem gelado. Ôi, ôi! vem vindo para cá um fogofátuo. (Entra Gloucester com o archote.)

EDGAR: Essa é a alma danada chamada Flibbertigibbet: aparece ao toque de recolher e anda até que o galo cante. Transmite a gota serena e a catarata, torna os olhos vespugos, os lábios leporinos; mofa o trigo maduro e amargura a criatura humana.

São Vital no mundo deu três voltas

E topou o demônio

Com seus nove demônios com o escolta

Obrigou-o a desmontar

E a maldade abjurar.

Vai em bora, demônio, vai em bora!

KENT: Com o está Vossa Graça?

LEAR: Quem é ele?

KENT: Quem vem lá? O que procura?

GLOUCESTER: E quem são os senhores? Os seus nomes!

EDGAR: Eu sou o pobre Tom, que se alimenta de rãs, de sapos, salamandras, lagartos e lagartixas. E, na fúria do seu coração, quando o imundo demônio o atormenta, com esterco de vaca com o salada, engole ratos velhos e cães podres; bebe o lençol verde no charco estagnado, é espancado de aldeia em aldeia, metido no tronco, jogado em prisão; já teve três roupas nas costas e seis camisas no corpo,

Cavalo pra cavalgar

E espada pra lutar.

Mas só ratos, camundongos E mais bichinhos assim Foram a com ida de Tom Por sete anos sem fim.

Cuidados com os que vêm atrás de mim! Paz, Smulkin, paz, ó demônio!

GLOUCESTER: Com o? Vossa Graça não encontrou melhor companhia do que essa?

EDGAR: O Príncipe das Trevas é um cavaleiro. Seu nome é Modo.  
Ou então

Mahu.

GLOUCESTER: A nossa carne e o nosso sangue, senhor, estão tão degenerados que odeiam até quem os botou no mundo.

EDGAR: O pobre Tom tem frio!

GLOUCESTER: Entre comigo. Minha lealdade não permite que obedeça em tudo às duras imposições de suas filhas. Embora tenham ordenado que eu fechasse minhas portas deixando-o à mercê desta noite tirânica, não hesitei em vir procurá-lo para conduzi-lo a um local onde terá fogo e alimento.

LEAR: Antes porém quero falar a este filósofo. Qual é a causa do trovão?

KENT: Por favor, senhor, aceite a oferta; vamos para a casa.

LEAR: Quero trocar uma palavra com este sábio tebano. O que é que tu estudas?

EDGAR: Com o evitar o demônio e esmagar piolhos.

LEAR: Eu quero te fazer uma pergunta em particular.

KENT: Insista mais uma vez para que vá consigo, meu senhor: sua razão comêça a vacilar.

G LO UCESTER: Nada de estranho nisso. (A tempestade continua.) As filhas querem sua morte. Ah, o bom amigo Kent! Bem preveniu, o pobre desterrado! Dizes que o Rei está ficando louco – e eu te confesso, amigo, que também estou. Eu tinha um filho, agora renegado do meu sangue, que atentou contra minha vida há pouco tempo, poucos dias. Eu o amava, meu amigo; nenhum filho jamais foi tão amado. Para te dizer toda a verdade, o desgosto transtornou minha razão. Que noite, esta! Suplico a Vossa Graça...

LEAR: Oh, imploro o seu perdão, senhor. Nobre filósofo, a sua companhia...

EDGAR: Tom está com frio.

G LO UCESTER: Para dentro, rapaz, entra aí na cabana; aquece-te aí.

LEAR: Vamos, entrem os todos.

KENT: Por aqui, senhor meu.

LEAR: Eu vou com ele; não quero me afastar do meu filósofo.

KENT: Meu bom senhor, faça a vontade dele; deixe que leve o rapaz.

G LO UCESTER: Pode trazê-lo.

KENT: Vamos, amigo; por aqui conosco.

LEAR: Conosco por aqui, bom ateniense.

GLUCESTER: Não falem mais, não falem mais. Shhhiuuuu!

EDGAR: À torre sinistra Chegou don Roldão Gritou sua senha:

“Fim , fim , funfarrão! Eu já sinto o cheiro

De sangue bretão”. (Saem.)

Cena V

(Aposento no palácio de Gloucester. Entram Cornualha e Edmundo.)

CORNUALHA: Vou me vingar antes de sair desta casa.

EDMUNDO : Ah, meu senhor, tremo só de pensar quanto vão me censurar por ter sacrificado o amor filial à lealdade.

CORNUALHA: Agora estou certo de que não foi apenas a índole má de teu irmão que o levou a querer a morte de teu pai; a consciência do seu próprio valor foi que o instigou à ação contra esse ser detestável.

EDMUNDO : Que ironia do destino, fazer com que eu me arrependa de ter sido honesto! Aqui está a carta de que lhe falei, provando que ele conspira pelo rei da França. Ó, céus, quem dera não houvesse tal traição! ou não fosse eu seu delator!

CORNUALHA: Venha comigo falar com a duquesa.

EDMUNDO : Se o que contém este papel é verdadeiro, o senhor tem nas mãos assunto muito grave.

CORNWALLIS A: Verdade ou não, isso já fez de ti Conde de Gloucester. Descobre onde é que está teu pai para que o possam prender quando quiserem os.

EDMUNDO : (À parte.) Se eu o encontrar auxiliando o Rei, isso dará ainda mais consistência à acusação. (Para Cornwallis.) Continuarei no caminho da lealdade, por mais doloroso que esse conflito seja para meu sangue.

CORNWALLIS A: Confiarei em ti; e em mim encontrarás um pai mais amoroso. (Saem.)

## CENA VI

(Aposento numa granja próxima ao castelo de Gloucester.

Entram Kent e

Gloucester.)

GLoucester: Aqui se está melhor do que ao ar livre; aceite de bom grado. Procurarei tornar o lugar mais confortável em tudo que puder. Não ficarei longe muito tempo.

KENT: Toda a força de sua razão cedeu ao desespero. Que os deuses recomensem a vossa bondade. (Sai Gloucester.  
Entram Lear, Edgar e o Bobo.)

EDGAR: O demônio Frateretto me chama pra dizer que Nero é um pescador no Lago das Trevas. Reza, pobre de espírito, e cuidado com o demônio imundo.

BOBO: Por favor, titio, me diz: um louco é um nobre ou um plebeu?

LEAR: Um Rei, um Rei.

BOBO: Não é não; é um plebeu que tem um filho nobre; pois é um plebeu louco quem faz o filho mais nobre do que ele.

LEAR: Ah, ter mil diabos com espetos em brasa caindo sobre elas, sibilando...

EDGAR: O espírito imundo morderá suas costas...

BOBO: Louco é quem confia na ansiedade do lobo, na saúde do cavalo, no amor de um rapaz, e nas juras de uma prostituta.

LEAR: Está decidido; vou julgá-las agora mesmo em tribunal.  
(Para Edgar.) – Vem, senta aqui, sapientíssimo juiz. (Ao Bobo.) –  
E tu também, sábio senhor, senta-te aqui. E quanto a ti, elas –  
raposas!

EDGAR: Olhem onde ela se põe. E que brilho no olhar! Deseja um  
olhar que a admire, mesmo no tribunal, senhora?

Cruza o arroio e vem pra mim, Bessy!

BOBO: Seu barco está indo ao fundo

Mas Bessy não diz ao mundo

Por que não vem para ti.

EDGAR: O demônio imundo assombra o pobre Tom na voz de  
um rouxinol. O demônio Hoppedance grita na pança de Tom  
exigindo dois arenques brancos. Não rosna assim, anjo negro;  
não tenho comida para te dar.

KENT: Com o quê está o senhor? Não fique assim tão espantado; não  
deseja deitar-se um pouco naquelas almofadas?

LEAR: Primário devem os julgá-las. Façam entrar as testemunhas.  
(A Edgar.)

- Tu, juiz togado, tom a teu posto. (Ao Bobo.) - E tu, seu colega na igualdade da lei, senta a seu lado. (A Kent.) - E o senhor aí do júri, no seu lugar.

EDGAR: Procedam os com justiça. Dormes ou velas, lindo pastor? Tuas ovelhas estão no trigal

E basta um som de tua bela boca Que não lhes ocorre nada de mal. Ron, ron! Todo gato é pardo.

LEAR: Julguem esta primeira; é Goneril. Juro, diante desta honorável assembleia, que essa aí expulsou o pai de casa a pontapés.

BONDO : Aproxime-se, senhora. Seu nome é Goneril?

LEAR: Não o pode negar.

BONDO : Queira desculpar, pensei que fosse um banco.

LEAR: E aqui está a outra, cujo olhar perverso indica de que estofado é o seu coração. Rendam-na aí! Arm as, arm as, espada! Fogo! Até aqui corrupção! Falso juiz, por que deixou que ela escapasse?

EDGAR: Abençoados os teus cinco sentidos!

KENT: Oh, piedade! Senhor, onde está a paciência de que tão freqüentemente te gabavas?

EDGAR: (À parte.) As minhas lágrimas comecem com tanta força a me mostrar do lado dele que podem revelar o meu disfarce.

LEAR: Os cachorrinhos e a minha tilha toda, Bandeira, Branco e Namorado -

estão vendo? - ladram atrás de mim.

EDGAR: Tom atira a própria cabeça em cima deles. Fora daqui, vira-latas. Com focinho preto ou rosa

E minha mordida venenosa, Mastim, meu esticho e lebreiro, Galgo, de fila ou rafeiro, Rabo curto ou bem com prido Jogo em cima minha cabeça. Lhes tiro uivo e gemido

Té que a minha tilha obedeça. Brrrr! Brrrrr! Brrrrr!

Do, dê, dô, dá, Eia! Vam os meus arca para as festas, para as feiras e para as vilas de meu mercado. Sobre Tom, o teu corno está vazio.

LEAR: Façam agora a autópsia em Regana. Examinem que coisa germinal em seu coração. A natureza terá uma razão para criar corações tão duros quanto este? (Para Edgar.) - E o senhor, considere-se incluído entre meus cem cavaleiros; só não me agrada o corte de suas vestimentas. Dirá, naturalmente, que são minhas odas orientais; mas vam os trocá-las.

KENT: Agora, meu bom senhor, deite-se aí e descanse um pouco.

LEAR: Não façam barulho! Não façam barulho! Fechem as cortinas. Assim . Assim . Cearem os de m anã bem cedo. Assim . Assim . Assim . (Entra Gloucester.)

B O BO : E eu irei para a cam a ao m eio-dia.

G LO UCESTER: Vem aqui, am igo; onde está o Rei, m eu am o?

KENT: Aqui, senhor, m as não o incom odem os; ele perdeu a razão.

G LO UCESTER: Bom am igo, eu lhe peço, levanta-o em teus braços. Surpreendi um a tram a de m orte contra ele. Tenho aí fora um a liteira pronta. Coloca-o lá dentro e leva-o para Dover, am igo. Ali encontrarão boa acolhida e devida proteção. P ega teu am o. Se dem orarem m ais m eia hora, a vida dele, a tua e a de todos decididos a defendê-lo estarão irrem ediavelm ente perdidas. Levanta-o,

levanta-o, e segue-m e. Vou te conduzir rapidam ente a um lugar onde há provisões fundam entais para a viagem .

KENT: Dorm e a natureza sucum bida. Esse repouso poderá ser um bálsam o para os teus nervos esgotados, os quais, sem circunstâncias favoráveis, não terão m ais cura. (Ao Bobo.) – Vam os, aj uda a carregar teu am o. Não fica aí para trás.

G LO UCESTER: Andem , andem ! Vam os todos em bora! (Saem todos, menos

Edgar.)

EDG AR: Ao ver nossos maiores com a mesma dor

Nossas misérias perdem o seu valor Quem sofre sozinho esquece  
suas raízes Não lembra mais fatos nem tempos felizes

Quando a dor tem irmãos e a angústia amigos

A alma nem sente inúmeros castigos

A dor já não me dói, por não ser singular

O mesmo que me curva faz o Rei dobrar

A ele, as filhas, a mim – o pai. É, Tom, vai em bora! Observa o  
que acontece, e só volta na hora

Em que a infâmia e calúnia, o mal nefando

Tu destruas com os fatos, te reabilitando.

Aconteça o que aconteça esta noite – desde que o Rei se salve!

Esconde-te! Esconde-te! (Sai.)

## CENA VII

(Um aposento no castelo de Gloucester. Entram Cornualha, Regana, Goneril, Edmundo e servidores.)

CORNUALHA: (A Goneril.) Corra depressa ao senhor seu marido; e leve-lhe esta carta. O exército francês desembarcou. Procurem Gloucester, o traidor. (Saem alguns servidores.)

REGANA: Enforcem-no imediatamente.

GONERIL: E arranquem seus olhos!

CORNUALHA: Deixem-no comigo e com meu ódio. Edmundo, faz companhia à nossa irmã. A vingança que somos obrigados a tirar do traidor teu pai não é espetáculo para o teu olhar. Avisa ao duque, com quem vais te encontrar, que se prepare depressa para a guerra; nós faremos o mesmo. Nossos correios devem estabelecer contatos rápidos entre nós. Adeus, cara irmã; adeus, conde de Gloucester. (Entra Osvaldo.) Com quem é? Onde está o Rei?

OSVALDO: O senhor de Gloucester enviou-o para longe. Trinta e cinco ou trinta e seis dos seus cavaleiros, que o procuravam febrilmente, o encontraram às portas da cidade e, juntamente com outros lacaios do conde, se dirigiram para Dover, onde se gabam de terem os olhos bem armados.

CO RNUALH A: P repare cavalos para sua senhora. (Osvaldo sai.)

G O NERIL: Adeus, m eu bom senhor e m inha irm ã.

CO RNUALH A: Edm undo, adeus. (Saem Goneril e Edmundo.) Andem , procurem o traidor Gloucester. Am arrem -no com o ladrão e tragam -no aqui diante de nós. (Saem outros servidores.) Ainda que não possam os condená-lo à m orte sem a j ustiça form al, o nosso poder fará um a gentileza ao nosso ódio – coisa que os hom ens poderão censurar m as não im pedir. Quem vem lá? É o traidor? (Entram Gloucester e os servidores.)

REG ANA: O lobo ingrato; é ele m esm o.

CO RNUALH A: Am arrem bem seus braços carcom idos.

G LO UCESTER: Que pretendem Vossas Graças? Meus bons am igos, lem brem - se de que são m eus hóspedes: não podem m e fazer nenhum a afronta.

CO RNUALH A: Am arrem -no, eu ordenei. (Servidores o amarram.)

REG ANA: Apertem bem o traidor im undo!

G LO UCESTER: Mulher desapiedada, eu não sou traidor.

CO RNUALH A: Am arrem -no nessa cadeira. Vilão, vais aprender... (Regana puxa-lhe a barba.)

G LO UCESTER: P ela m isericórdia divina, puxar m inha barba assim , não há nada m ais ignóbil.

REG ANA: Um a barba tão branca, e tam anho traidor!

G LO UCESTER: Mulher perversa, esses cabelos que arrancas do m eu rosto vão renascer para te acusar. Estás em m inha casa: não podes m altratar o m eu rosto hospitaleiro com tuas m ãos de ladra. Que pretendem fazer?

CO RNUALH A: Vam os, senhor, m ostre as últim as cartas que recebeu da França.

REG ANA: E responde direto, pois sabem os a verdade.

CO RNUALH A: Que entendim ento m anténs com esses traidores que acabam de desem barcar em nosso reino?

REG ANA: Em cuj as m ãos entregaste o Rei dem ente. Fala.

G LO UCESTER: Recebi um a carta contendo apenas conj ecturas, enviada por um a pessoa de coração neutro, não de alguém do outro lado.

CO RNUALH A: Esperto.

REG ANA: E falso.

CO RNUALH A: P ara onde enviaste o Rei?

G LO UCESTER: P ara Dover.

REG ANA: P or que a Dover? Não foste avisado do perigo... CO

RNUALH A: P or que a Dover? Deixe que ele responda isso prim

eiro. G LO UCESTER: Amarrado com o um urso tenho que enfrentar essa m atilha. REG ANA: P or que a Dover?

G LO UCESTER: P orque eu não queria ver as tuas unhas cruéis arrancarem os olhos do pobre velho; nem ver tua feroz irm ã cravar os dentes de chacal em sua carne ungida. Com um a tempestade com o aquela que sua cabeça nua suportou na noite negra com o o inferno, o m ar ter-se-ia levantado e apagado o fogo das estrelas. Ele, porém , o grande coração envelhecido, aum entava com suas lágrimas a chuva que caía. Se os lobos uivassem à tua porta com aquele tem po horrendo, terias ordenado: “Bom porteiro, gira a chave”, esquecendo qualquer crueldade em noite assim . Mas ainda hei de ver a vingança do céu cair sobre tais filhas.

CO RNUALH A: Nunca a verás. Segurem essa cadeira! Vou pôr m eus pés sobre os teus olhos.

G LO UCESTER: Quem espera viver até a velhice m e preste algum socorro. (Cornualha arranca-lhe um olho.) Oh, crueldade! Ó Deuses!

REG ANA: Agora um lado vai zom bar do outro; o outro olho também !

CO RNUALH A: Estás vendo a vingança?

PRIMEIRO SERVIDOR: Suspende essa maldade, meu senhor. Eu o sirvo desde minha infância, mas já me prestei o melhor serviço do que agora, pedindo-lhe que pare.

REGINA: Que queres tu, cachorro?

PRIMEIRO SERVIDOR: Se a senhora tivesse barba na cara eu a arrancaria nesta luta. Que pretendem ?

CONDALHEA: Ó, meu vilão! (Saca e luta.)

PRIMEIRO SERVIDOR: Pois bem, avança e enfrenta o risco da minha indignação.

REGINA: Dá-me tua espada. (Tira a espada de um servidor.) Um laçoio ter essa ousadia! (Ataca-o pelas costas. Mata-o.)

PRIMEIRO SERVIDOR: Ai, ela me matou! Meu senhor, ainda tens um olho para um dia ver esse homem desgraçado! Ai!  
(Morre.)

CONDALHEA: Antes que ele veja mais alguma coisa, tomemos providências. Fora, gelatina nojenta. Onde está teu brilho agora?

GLUCESTER: Tudo negro e desolado. Onde está meu filho Edmundo? Edmundo, inflama todas as centelhas da tua natureza para vingar este ato horrendo.

REGINA: Fora, miserável traidor! Estás chamando quem te odeia; foi ele quem nos revelou tua traição; ele, demasiado honesto para se apiedar de ti.

GLUCESTER: Ó, loucura minha! Edgar foi então caluniado! Deuses misericordiosos, perdoai-me e protegei-o!

REGANA: Joguem-no fora das portas da cidade e que ele fareje o caminho para Dover. (Sai um servidor levando Gloucester.) Com o está, meu senhor? Que expressão é essa?

CORNUALHA: Recebi um ferimento. Vem comigo, senhora. Expulsa esse maldito cego, e joga este escravo na estumbeira. Regana, perco sangue demais. Em que má hora fui eu ser ferido. Dá-me o teu braço. (Sai Cornualha conduzido por Regana.)

SEGUNDO SERVIDOR: Me sentirei livre para praticar qualquer maldade se esse homem não for castigado.

TERCEIRO SERVIDOR: Se ela viver muito e no fim morrer de morte natural, daí em diante todas as mulheres vão ser monstros.

SEGUNDO SERVIDOR: Vão os seguir o velho conde e encarregar o Tom-Maluco de levá-lo aonde quiser. Sua loucura irresponsável lhe permite qualquer coisa.

TERCEIRO SERVIDOR: Vai tu; eu vou buscar um pedaço de linho e claras de ovo para cobrir seu rosto ensanguentado. E que o céu o proteja. (Saem em direções contrárias.)

FIM DO TERCEIRO ATO

## ATO IV

### CENA I

(No descampado. Entra Edgar.)

EDGAR: É melhor assim, eu me saber desprezado, do que adulado, sabendo que me desprezam. O pior, o mais baixo e abjeto filho da fortuna, ainda tem esperança, não vive com temor. A lamentável mudança é do melhor. O pior retorna para o riso. Bem-vindo então, ar impalpável que eu abraço! O desgraçado a quem sopraste no pior não deve nada a tuas rajadas. Mas quem vem lá? (Entram Gloucester e um velho.) Meu pai, guiado com o um mendigo. Mundo, mundo, ó mundo! se não fossem as estranhas mutações que nos fazem te odiar, a vida não aceitaria a morte!

VELHO: (Para Gloucester.) Ó, meu bom senhor, fui sempre um seu vassalo, e um vassalo de seu pai, já lá vão oitenta anos.

GLoucester: Vai, vai-te em bora. Meu bom amigo, me deixa. Teu consolo não me serve de nada e só pode te prejudicar.

VELHO: O senhor não enxerga o seu caminho.

GLoucester: Já não tenho caminho, não preciso de olhos. Tropeçava quando via. Sucede muitas vezes; as vantagens que

tem os nos fazem descuidados e são nossos defeitos que nos trazem vantagens. Oh, caro filho Edgar, vítima do ódio de teu pai enganado. Se eu pudesse viver pra te ver com meu tato juraria ter recuperado meus olhos.

VELHO : O que é? Quem vem lá?

EDGAR: (À parte.) Ó deuses! Quem pode dizer: “Estou no pior?” Estou pior do que já mais estive.

VELHO : É Tom , o pobre maluco.

EDGAR: (À parte.) E ainda posso estar pior. O pior ainda não veio se conseguirmos dizer: “Isto é o pior.”

VELHO : Aonde vais, com panheiro? GLOUCESTER: É um mendigo? VELHO : Mendigo e também maluco.

GLOUCESTER: Ainda tem algum juízo ou não mendigaria. Na tempestade da noite passada vi um tipo assim que me fez refletir que o homem não é mais do que um verme. Lembra-me de meu filho, embora eu sentisse então que fosse pouco amigo. Desde então aprendi muito. Somente os para os deuses o que as maldosas são para os meninos: matam-nos só por brincadeira.

EDGAR: (À parte.) Mas que foi que aconteceu? Triste mesmo isso ter que fingir de louco diante da dor, argumentando os outros e a nós mesmos. (Com sotaque matuto.) – Bandido seja, meu senhor.

G LO UCESTER: É o cam arada que anda nu?

VELH O : Ele m esm o, senhor.

G LO UCESTER: (Ao Velho.) Então vai em bora, por favor. Se, em consideração a m im , quiseses nos encontrar daqui a um a m ilha ou duas, no cam inho de Dover, fá-lo por um a velha am izade. E traz algo que cubra esta alm a nua a quem eu vou pedir que m e conduza.

VELH O : Ai, m eu senhor, é um m aluco.

G LO UCESTER: Desgraçado do tem po em que os loucos guiam os cegos. Faz com o eu te digo, ou m elhor, faz o que bem entender. O im portante é ires em bora.

VELH O : Eu lhe trarei a m elhor roupa que tiver, aconteça o que acontecer. (Sai.)

G LO UCESTER: Ô rapaz que anda nu!

EDG AR: O pobre Tom tem frio. (À parte.) Não posso fingir m ais.

G LO UCESTER: Vem cá, com panheiro.

EDG AR: (À parte.) P orém , sou obrigado. Benditos sej am teus olhos bondosos:

eles sangram .

G LO UCESTER: Conheces o cam inho para Dover?

EDG AR: Barreiras e cancelas, estradas de cavalos e caminhos de pedestres. Foi o medo que tirou o juízo ao pobre Tom. Filho de homem de bem, Deus te livre do demônio imundo. Cinco demônios entraram no corpo de Tom ao mesmo tempo; Obdicut, o da luxúria; Hobbididence, príncipe dos maldos; Mahu, o do roubo; Modo, príncipe do assassinato; Flibbertigibbet, príncipe dos dengues e caretas. Esse, desde a aurora dos tempos, possui damas de honra e criadas de quarto. Assim, que Deus o proteja, meu patrão!

GLUCESTER: Aqui, toma esta bolsa, tu, a quem as pragas do céu humilharam ao ponto de aceitar qualquer humilhação. Eu ser um desgraçado te torna mais feliz. Céus, fazei sem pre assim! Fazei com que o homem rodeado do supérfluo e saturado de prazeres, que põe as vossas leis a seu serviço, e não quer ver porque não sente, sintam imediatamente o vosso poder; assim a distribuição destruiria o excesso e cada homem teria o necessário. Conheces Dover?

EDG AR: Sim, meu senhor.

GLUCESTER: Há um penhasco ali, cuja cabeça alta se inclina assustadoramente para o abismo do mar. Quero só que me guies até a borda e remediarei tua miséria com uma coisa de valor que trago aqui. Dali em diante eu não precisarei mais de quem me guie.

EDG AR: Dá-m e teu braço. O pobre Tom te guia. (Saem.)

## CENA II

(Na frente do palácio do duque de Albânia. Entram Goneril e Edmundo.)

G O NERIL: Bem -vindo, meu senhor. Espanta-me que meu complacente esposo não tenha vindo ao nosso encontro no caminho. (Entra Osvaldo.) Então? Onde está teu senhor?

OSVALDO : Lá dentro, senhora; mas nunca vi ninguém tão mudado. Eu lhe falei do exército já desembarcado; ele sorriu. Anunciei a vossa chegada. Sua resposta foi: “Tanto pior.” E, quando lhe informei da traição de Gloucester e do leal comportamento de seu filho, chamou-me de imbecil e disse que eu virava tudo pelo avesso. O que mais deveria lhe desagradar parece que lhe agrada; o que deveria lhe agradar, ofende-o.

G O NERIL: (A Edmundo.) Então é bom não ir adiante. É o pusilânimo e terror de seu temperamento que não o deixa arriscar-se. Não quer saber de ofensas que o obriguem a reagir. Os projetos que fizemos durante a viagem talvez se realizem. Edmundo, volta para junto de meu cunhado. Apressa o recrutamento e dirige as tropas. Vou mudar o comando desta casa e colocar a roca de fiar nas mãos de meu marido. Este servo fiel será nosso intermuniário. Muito breve, se ousares arriscar da tua parte, receberás ordens de um a mim ante às ordens. Usa isto. Não

gaste palavras. (Dá-lhe um presente.) Inclina a cabeça; este beijo, se ousasse falar, elevaria teu desejo às nuvens. Entenda, boa sorte.

EDMUNDO : Sou seu, nas fileiras da morte. (Sai.)

GONERIL: Meu queridíssimo Gloucester! Oh, que diferença de homem para homem. Tu mereces os favores de uma mulher; um imbecil usurpa o meu corpo.

OSVALDO : Senhora, aí está meu amor. (Sai. Entra Albânia.)

GONERIL: Menos que um cão; já nem mereço um assobio.

ALBÂNIA: Ó Goneril, não vales nem a poeira que o vento suspira sopra no teu rosto. Eu temo o teu caráter; um ser que despreza a própria origem não pode ser contido em nenhum limite. Aquela que por si mesma se arrebenta e se esgalha do seu tronco vital há de murchar, por força, e ser atirada ao fogo, com a coisa morta.

GONERIL: Basta; é um sermão idiota.

ALBÂNIA: Sabedoria e bondade aos vis parecem vis. A imundície adora-se a si própria. O que fizeste? Tigris, não filhas, o que é que realizaram? Um pai, um homem afável e envelhecido, que até um urso acorrentado haveria lambe-lo reverente, tão bárbaras e tão degeneradas, vocês o enlouqueceram! Com o meu bom irmão o permitiu? Um homem, um príncipe, que o Rei protegeu

tanto! Se os céus não enviam rapidamente seus anjos vingadores para reprimir tão vis ofensas, o caos virá, os homens se entredivorarão com os monstros do abismo.

G O NERIL: Homem de fígado de leite, que só tens faces para bofetões e cabeça para insultos; que não tens olhos para distinguir o que é desonra e o que tolerância; que não sabes que só idiotas têm piedade de canalhas castigados para que não consigam cometer suas infâmias. Onde está teu tambor? O Rei da

França desfralda suas bandeiras em nosso país despreparado e com seu elmo em plumado já ameaça o teu reino, enquanto tu, moralista idiota, continuas sentado, gritando apenas: “Ai, por que é que ele faz isso?”

ALBÂNIA: Contem plá-te a ti mesma, demônio! A deformidade própria do diabo é muito mais horrenda na mulher.

G O NERIL: Ó tolo inútil!

ALBÂNIA: Criatura falsa e dissimulada, que só por vergonha não exibes tuas feições de monstro. Se fosse meu costum e deixar as minhas mãos obedecerem a meu sangue, elas estariam prontas para desconjuntar teus ossos e rasgar tua carne. Apesar de demônio és protegida por tua forma de mulher.

G O NERIL: Pela virgem! Que masculinidade! Miau! (Entra um mensageiro.)

ALBÂNIA: Que aconteceu?

MENSAGEIRO : Ó, meu bom senhor, o duque de Cornualha morreu; foi assassinado por um servidor, quando ia arrancar o outro olho de Gloucester.

ALBÂNIA: Os olhos de Gloucester!

MENSAGEIRO : Um servidor que ele criou, impulsionado pela paixão, opôs-se àquele ato, sacando da espada contra o próprio amo. Este, fora de si, lançou-se contra ele e deixou-o cair morto no meio de todos. Mas não antes de receber o golpe fatal do qual sucumbiria logo após.

ALBÂNIA: Isso mostra que existem lá em cima os juizes supremos punindo prontamente nossos crimes aqui em baixo. Mas, e o pobre Gloucester? Perdeu a outra vista?

MENSAGEIRO : As duas, meu senhor, as duas. Esta carta, senhora, exige uma resposta urgente. É de sua irmã.

GERTRUDES: (À parte.) Por um lado isso me agrada muito. Mas, estando viúva, e o meu Gloucester com ela, todo o edifício da minha fantasia pode desmoronar tornando minha vida odiosa. Por outro lado, a notícia não é nada ruim. Vou ler e responder. (Sai.)

ALBÂNIA: Onde estava o filho, quando lhe arrancaram os olhos?

MENSAGEIRO : Tinha vindo para cá com minha senhora.

ALBÂNIA: Mas não chegou aqui.

MENSAG EIRO : Não, m eu bom senhor; encontrei-o voltando.

ALBÂNIA: Ele sabe da violência?

MENSAG EIRO : Sabe, m eu senhor. Foi ele quem denunciou o pai, e abandonou a casa, de propósito, para que eles pudessem agir m ais livrem ente.

ALBÂNIA: Gloucester, eu vou viver para te agradecer o am or que dem onstraste pelo Rei; e para vingar teus olhos. Vem aqui, am igo; conta tudo o m ais que tu souberes.

### CENA III

(Acampamento francês, perto de Dover. Entram Kent e um fidalgo.)

KENT: Por que o Rei da França regressou tão repentinamente? Conheces a razão?

FIDALGO: Um negócio de estado que deixou em suspenso e que se tornou urgente depois de sua partida; coisa que traz tanto temor e perigo para o reino da França que sua presença pessoal era exigida e indispensável.

KENT: Quem ele deixou com o general?

FIDALGO: O marechal de França, Monsieur La Far.

KENT: As cartas que entregaste à Rainha fizeram-na demonstrar alguma emoção?

FIDALGO: Sim, senhor. Leu-as ali mesmo, em minha presença e, de vez em quando, uma enorme lágrima corria por sua face delicada. Com a Rainha procurava dominar sua paixão enquanto esta, rebelde, tentava dominá-la com o um Rei.

KENT: Ah, então a carta a comoveu?

FIDALGO: Mas não para a raiva. A paciência e a aflição lutavam para ver qual a apresentava em seu melhor. O senhor já viu o sol e a chuva ao mesmo tempo – seus sorrisos e lágrimas eram

assim , porém mais belos. Os sorrisos felizes que brincavam em seus lábios vermelhos pareciam ignorar os hóspedes dos olhos, que caíam dali com o pérolas gotejadas por diamantes antes. Em resumo, a dor seria raridade muito apreciada se todos pudessem exprimi-la desse modo.

KENT: Não te fez nenhum bem a comunicação verbal?

FIDALGO : Na verdade uma ou duas vezes pronunciou o nome pai, com uma palpitação, como se aquilo lhe oprimisse o coração. Exclamou: “Irmãs! irmãs! vergonha das mulheres! minhas irmãs! Kent! meu pai! minhas irmãs! Como, na tempestade? no meio da noite? Só não se acreditando mais na piedade!” Aí sacudiu a água bendita dos olhos celestiais, afogando sua emoção, e saiu depressa para ficar a sós com sua angústia.

KENT: São as estrelas, as estrelas que acima de nós governam nossos pensamentos. Senão um mesmo casal não poderia gerar filhos tão diferentes. Não falou mais com ela?

FIDALGO : Não.

KENT: Isso foi antes do Rei partir?

FIDALGO : Não. Depois.

KENT: Pois bem, senhor, o pobre e angustiado Lear está na cidade. Às vezes, em momentos mais lúcidos, recorda por que viemos aqui; em busca de modo algum admita ver a filha.

FIDALGO: Por que, bom senhor?

KENT: Uma vergonha suprema o impede disso; a própria dureza com que negou a ela a sua bênção foi que a atirou a essa aventura no estrangeiro. Foi ele quem a despojou de seus direitos mais sagrados entregando-os às duas filhas de coração canino. Essas coisas pungem sua alma tão venenosamente que o calor da vergonha o afasta de Cordélia.

FIDALGO: Ai, pobre fidalgo.

KENT: Ouviste falar dos exércitos de Albânia e Cornualha?

FIDALGO: Sim, senhor, já estão em marcha.

KENT: Bom, senhor, vou levá-lo à presença de nosso Rei, e deixá-lo sob seus cuidados. Razão poderosa me obriga a conservar meu disfarce ainda algum tempo. Quando souber quem eu sou não se arrependerá de ter-me concedido sua amizade. Vem comigo, por favor. (Saem.)

## CENA IV

(Acampamento francês. Uma tenda. Entram, com tambores e bandeiras, Cordélia, um fidalgo – médico e soldados.)

CORDÉLIA: Ai, é ele! Foi encontrado agora mesmo, louco com o um olhar de tempestade. Cantava alto, coroado de fétidas ramagens, urtigas, folhas secas, agrião, cicuta, juncos, com painhas e todas as ervas daninhas em nosso trigo de sustento. Mandem uma centúria procurá-lo nos campos cobertos de espigas. Procurem pelo homem, em todos os sentidos; eu o quero diante de meus olhos. (Sai um oficial.) Que pode o conhecimento humano para restaurar a razão que ele perdeu? Quem o curar pode ficar com tudo que possui.

MÉDICO : Há recursos, senhora. A cura natural é o repouso, que há tanto ele não tem . Para acalmá-lo existem ervas medicinais cuja eficácia fechará o olhar da sua angústia.

CORDÉLIA: Que todos os benditos segredos e todas as misteriosas virtudes da terra germinem com minhas lágrimas para socorrer e remediar a desgraça desse homem de bem . Procurem , procurem por ele, antes que seu furor descontrolado destrua essa vida que a razão já não governa. (Entra um mensageiro.)

MENSAGEIRO : Notícias, senhora. As forças britânicas marcham nesta direção.

CONDÚCIA: Já se sabia. E estão os preparados para enfrentá-las. Querido pai, é por teu interesse que eu luto. Por isso o grande Rei da França se apiedou de mim e pranteou, de minhas lágrimas insistentes. Não é a ambição incontida que impede as nossas armas, mas o amor, o terno amor, e o direito do meu pai envelhecido. Em breve possa eu ouvi-lo e vê-lo! (Saem.)

## CENA V

(Aposento no castelo de Gloucester. Entram Regana e Osvaldo.)

REG ANA: Mas, as tropas do meu irmão estão em marcha?

OSVALDO : Sim , senhora.

REG ANA: Ele está lá em pessoa?

OSVALDO : Sim , senhora, mas com muita vontade; dos dois, vossa irmã é o melhor soldado.

REG ANA: Lorde Edmundo não falou com teu senhor, em seu castelo?

OSVALDO : Não, senhora.

REG ANA: Que significa essa carta de minha irmã escrita a ele?

OSVALDO : Eu ignoro, minha senhora.

REG ANA: Por minha fé, deve ter tido sérias razões para partir tão depressa. Foi um erro grave deixar Gloucester vivo, depois de lhe arrancar os olhos. Onde quer que vá erguerá o coração de todos contra nós. Edmundo, eu creio, partiu com pena da desgraça do pai. Foi acabar com aquela existência anoitecida; e também reconhecer as forças do inimigo.

OSVALDO : Tenho que correr até ele, senhora, para entregar-lhe a carta.

REG ANA: Nossas tropas partem am anã. Fique conosco. As estradas estão perigosas.

OSVALDO : Eu não posso, senhora. Minha am a deu-m e ordens severas nesse assunto.

REG ANA: P or que ela teria escrito a Edm undo? Não podes transm itir verbalm ente sua m ensagem ? Há algum a coisa aí... não sei bem o quê. Te ficaria m uito grata se m e deixasses abrir essa carta.

OSVALDO : Senhora, eu preferiria...

REG ANA: Eu sei que tua senhora não am a seu esposo; tenho certeza. Na últim a vez em que estive aqui lançava ao nobre Edm undo expressões estranhas e olhares am orosos. Eu sei, és seu confidente.

OSVALDO : Eu, senhora?

REG ANA: Eu sei do que falo; és seu confidente. P or isso te advirto; tom a nota. Meu m arido m orreu. Edm undo e eu j á nos entendem os; ele serve m ais à m inha m ão do que à de tua senhora. Daí concluis o resto. Se o encontrares, te peço, dá- lhe isto. (Dá-lhe uma prenda.) E quando tua senhora souber de tudo por teu interm édio, por favor, aconselhe-a a que aja com prudência. E assim eu m e despeço. Se por acaso ouvir falar desse traidor cego, quem o m atar receberá um a bela recom pensa.

OSVALDO : Bem que eu gostaria de encontrá-lo, senhora! Poderia mostrar de que lado me encontro.

REG ANA: Passe bem . (Saem.)

## CENA VI

(Campos perto de Dover. Entram Gloucester e Edgar.) G LO

UCESTER: Quando chegarem os ao alto desse m orro? EDG AR: Já  
estam os subindo agora. Vej a o esforço que fazem os. G LO

UCESTER: Mas o terreno m e parece plano.

EDG AR: Um despenhadeiro horrível. Escuta; não estás ouvindo o  
m ar?

G LO UCESTER: Sinceram ente, não.

EDG AR: Bem , então é porque teus outros sentidos se alteraram  
com a dor de teus olhos.

G LO UCESTER: Bem , pode ter sido, realm ente. P arece que até  
tua voz m udou, que te exprim es m elhor e com m ais sentido do  
que antes.

EDG AR: É puro engano. Nada m udou em m im a não ser m inhas  
roupas.

G LO UCESTER: Não; falas m uito m elhor.

EDG AR: P ronto, senhor, este é o lugar. Não se m ova. Até dá m  
edo e vertigem olhar tão fundo. Os corvos e as gralhas que  
planam lá em baixo parecem do tam anho de besouros. No m  
eio da encosta, suspenso no precipício, um hom em recolhe algas  
m arinhas – tarefa assustadora! Não parece m aior que um a

cabeça. Os pescadores que andam na praia lembram com  
undongos e, mais além, o grande barco ancorado ficou diminuído a um escaler! O escaler é uma bóia que quase não se vê.  
Desta altura nem se ouve o rugido das vagas que batem contra  
as inúmeras pedras e ovedanças da encosta. Não quero olhar mais,  
senão me dá vertigem, perco a visão e posso-me precipitar  
no abismo.

GLUCESTER: Coloca-me onde estás.

EDGAR: Dá-me tua mão; estás a um pé da borda do precipício.  
E eu não daria um passo por nada sob a lua.

GLUCESTER: Larga minha mão. Amigo, tem aqui outra bolsa;  
aí dentro há uma jóia que vale bem que um pobre a aceite.  
Fadas e deuses te acrescentem! Vai em bora, agora: despede-te  
de mim. Eu quero ouvir teus passos se afastando.

EDGAR: Pois então adeus, meu bom senhor.

GLUCESTER: Com todo o meu coração.

EDGAR: (À parte.) Eu brinco assim com o desespero dele – mas é  
para curá-lo.

GLUCESTER: Ó deuses todo-poderosos (ajoelha-se), renuncio a  
este mundo e

sob vossos olhos me despojo, resignadamente, de toda minha  
aflição. Se a pudesse suportar por mais tempo sem-me

desesperar contra a vossa vontade onipotente, deixaria que se consumisse até o fim o pavio inútil desta pobre vida. Se Edgar vive, ó, abençoai-o! E agora, com panheiro, adeus.

EDGAR: Estou indo, senhor, adeus. (Gloucester salta para a frente e cai.) (À parte.) Contudo não sei imaginar com o a decepção pode roubar o tesouro da vida quando a própria vida é favorável ao roubo. Estivesse ele onde pensava estar, neste momento não pensava mais. Vivo ou morto? Eh, aí, meu senhor! Amigo!

Está me ouvindo? Fala. (À parte.) Bem podia ter me arrastado ao inferno. Mas não, já volta a si. (A Gloucester.) Quem é o senhor, amigo?

GLoucester: Vai embora e deixa-me morrer.

EDGAR: Mesmo que fosses feito só de teia de aranha, de penas e de ar, deverias ter te esborrachado com o um ovo, caindo dessa altura gigantesca. Mas tens peso considerável; e no entanto respiras, não sangras, falas, estás são e salvo. Dez mil astros superpostos não dariam a altura de onde caíste perpendicularmente. Tua vida é um milagre. Fala de novo.

GLoucester: Mas, afinal, cá ou não?

EDGAR: Do pico assustador daquela borda calcárea. Olha para o alto. Desta distância não se vê nem se ouve a estridente cotovia. Olha só um instante.

G LO UCESTER: Ai de mim , não tenho olhos! Será que a desgraça não tem o direito de pôr fim a si mesma com a morte? Seria ainda um consolo a miséria poder enganar a fúria dos tiranos e frustrar sua vontade e orgulho.

EDGAR: Dá-me teu braço. Levanta – assim . Com o estás? Sentes as pernas? Podes ficar em pé?

G LO UCESTER: Bem demais. Bem demais.

EDGAR: É uma coisa que ultrapassa o mais estranho. E que era aquilo que se despediu do senhor lá em cima do penhasco?

G LO UCESTER: Um pobre e desgraçado mendicante.

EDGAR: Para mim , daqui de baixo, seus olhos pareciam luas cheias; tinha mil narizes, cornos tortos e ondulados com o omar bravo. Era algum demônio. Por isso, afortunado ancião, convence-te de que os deuses mais justos, cuja glória consiste em realizar o humanoente impossível, querem te preservar.

G LO UCESTER: Estou lembrando, agora. Daqui em diante suportarei minha aflição até que ela mesma grite: “Basta! Basta!” e morra. Isso de que me falas pensei que fosse um homem . Repetia o tempo todo: “O demônio! O demônio!” Foi ele que me levou lá em cima.

EDGAR: Procure pensamentos serenos e resignados.  
(Entra Lear, fantásticamente adornado com flores selvagens.)

Mas quem vem lá? Ninguém com a mente se enfeitaria assim

.

LEAR: Não, não podem me condenar por meus cunhados. O Rei tem o direito de cunhar.

EDGAR: Ó visão desoladora!

LEAR: A natureza supera a arte a esse respeito. Eis aqui o soldo do teu recrutamento. Esse rapaz maneja o arco com o um espantalho; vai, atira-me um a flecha com todo o arco esticado. Olha, olha a ratazana! Quietos, quietos; este pedacinho de queijo frito resolverá o problema. Eis minha luva de ferro; vou atirá-la num gigante. Avance o batalhão das alabardas vermelhas! Oh, belo vôo, meu falcão! No alvo! Na moeda! Zhiimmm! Qual é a senha?

EDGAR: Manjerona doce.

LEAR: Passa.

GLoucester: Eu conheço essa voz.

LEAR: Ah! Goneril; com uma barba branca? Me adulavam com os cães e diziam que eu tinha a barba branca quando eu ainda nem tinha barba preta. Diziam “sim” e “não” a tudo que eu dizia. Dizer “sim” e “não” assim não é boa teologia. Quando a chuva me encharcou e o vento me fez ranger os dentes; quando o trovão não quis calar ao meu comando, foi então que eu

descobri e farej ei quem eram . Não interessa! elas não são  
homens de palavra. Pois chegaram a dizer que eu era tudo. Um  
amantira! Eu não resisto a uma febre intermitente.

GLUCESTER: Conheço bem o timbre dessa voz; não é o Rei?

LEAR: Sim , de alto a baixo um Rei. Quando fixo o olhar,  
reparem com o trem em meus vassallos. Poupa a vida a esse  
homem . Qual foi teu delito? Adultério? Tu não morrerás.  
Morrer por adultério? Não; o rouxinol comete e a mosquinha  
dourada fornicava diante de mim . Copulem livremente! Pois o  
filho bastardo de Gloucester foi mais amorooso para com o pai do  
que minhas filhas concebidas entre lençóis legais. Ao trabalho:  
luxúria, à promiscuidade, necessito soldados. Reparem nessa  
damada de sorriso basbaque, cujo rosto faz pensar que tem a  
pureza da neve entre as coxas; tão cheia de melindres que  
sacode a cabeça ao ouvir falar em luxúria. Nem a égua no pasto  
nem a porca no chiqueiro se entregam com apetite mais  
desenfreado. Da cintura para cima são mulheres; da cintura para  
baixo são centauros. Só pertencem aos deuses até a cintura; em  
baixo é tudo do demônio. Ali está o inferno, a treva, o poço  
sulfuroso – queimando, ardendo, fedendo, consumindo. Que  
asco! Asco! Dá-me uma onça de alma íscar, meu boticário, para  
desempestar minha imaginação; tens aqui o dinheiro.

GLUCESTER: Ah, deixa que eu beij e tuas mãos.

LEAR: Vou lim pá-las prim eiro; cheiram a m ortalidade.

G LO UCESTER: Ó fragm ento arruinado da natureza. Este m undo im enso tam bém term inará assim , no nada. Me conheces?

LEAR: Lem bro-m e m uito bem dos teus olhos. P or que estás m e olhando assim de esquelha? Não, cego Cupido, perdes teu tem po, não quero m ais am ar. Lê este desafio; repara sobretudo na caligrafia.

G LO UCESTER: Mesm o que cada letra fosse um sol eu não conseguiria vê-las.

EDG AR: (À parte.) Se tivessem m e dito eu não acreditava; m as é verdade, e m eu coração se parte.

LEAR: Lê.

G LO UCESTER: Com o, com o buraco das órbitas?

LEAR: Oh, oh. O que é que estás dizendo? Sem olhos na cara nem dinheiro na bolsa? O vazio da cara é m ais caro, o da bolsa é m ais claro. Mesm o assim , vê com o vai indo o m undo?

G LO UCESTER: Um m undo sentido.

LEAR: Com o, estás louco? Mesm o sem olhos um hom em pode ver com o anda o m undo. Olha com as orelhas. Vê com o aquele j uiz ofende aquele hum ilde ladrão. Escuta com o ouvido, troca os dois de lugar, com o pedras nas m ãos; qual o j uiz, qual o ladrão? Já viste um cão da roça ladrar prum m iserável?

GLUCESTER: Já, meu senhor.

LEAR: E o pobre diabo correr do vira-latas? Pois tens aí a imponente imagem da autoridade; até um vira-lata é obedecido quando ocupa um cargo. Oficial velhaco, suspende tua mão ensanguentada! Por que chicoteias essa prostituta? Desnuda tuas próprias costas. Pois ardes de desejo de cometer com ela o ato pelo qual a chicoteias. O usurário enforca o devedor. Os buracos de uma roupa esfarrapada não conseguem esconder o menor vício; mas as togas e os mantos de púrpura escondem tudo. Cobrem o crime com placas de ouro e, por mais forte que seja a lança da justiça, se quebra inofensiva. Um crime coberto de trapos a palha de um pigmeu o atravessa. Não há ninguém culpado, ninguém – digo, ninguém! Eu me responsabilizo. Podes acreditar em mim, amigo, tenho o poder para lacrar os lábios do acusador. Arranja olhos de vidro e, como um político rasteiro, finge ver aquilo que não vês. Vam os, vam os, vam os, vam os! Tirem-me as botas. Mais força. Mais força! Assim.

EDGAR: (À parte.) Oh, que mistura de bom senso e de absurdo. A razão na loucura.

LEAR: Se pretendes chorar minha desventura, toma os meus olhos. Te conheço muito bem; teu nome é Gloucester. Tens de ter resignação. Nós chegamos aqui chorando; tu bem sabes, a primeira vez que sentimos o ar vagamos e berramos. Vou fazer-te um sermão; escuta.

G LO UCESTER: Ai, ai, dia funesto!

LEAR: Assim que nós nascem os, choram os por nos verem os neste im enso palco de loucos. Eis aqui um bom chapéu. Seria um belo estratagem a ferrar com este feltro um a tropa de cavalos. Vou experim entar isso para cair silenciosam ente sobre m eus genros. Aí; m ata, m ata, m ata, m ata, m ata, m ata! (Entra um fidalgo com servidores.)

FIDALG O : Ah, aí está ele! Apoderem -se dele. Senhor, sua m uito am ada filha...

LEAR: Ninguém m e socorre? O que, um prisioneiro? Será que nasci m esm o para j oquete do destino? Tratem -m e bem que pagarei o resgate. Tragam -m e um cirurgião; fui atingido no cérebro.

FIDALG O : Terá tudo e qualquer coisa.

LEAR: Mas ninguém m e apóia? Todos m e abandonam ? Isso é m otivo para um hom em se converter num rio de lágrimas salgadas, seus olhos podendo servir de regadores para fazer baixar a poeira do outono.

FIDALG O : Meu senhor...

LEAR: Mas quero m e acabar gostosam ente, com o um noivo preparado para o dia. Quero ser j ovia! Venham , venham , eu sou um Rei, senhores! ou não sabem ?

FIDALGO : Vós sois um Rei, sabem os, e esperam os vossas ordens.

LEAR: Então ainda há esperanças. Mas se querem pegá-la é preciso correr. Assim , assim , assim , assim . (Sai correndo, seguido dos outros.)

FIDALGO : Um a visão lam entável, se fosse o último dos infelizes; que dizer então de um Rei? Tens ainda um a filha, que redim e a hum anidade da maldição universal que as outras duas fizeram cair sobre ela.

EDGAR: Salve, nobre senhor.

FIDALGO : Senhor, o céu vos ajude. Que desejais?

EDGAR: Ouviu falar, senhor, de batalha iminente?

FIDALGO : É coisa certa e sabida. Só não ouve m esmo quem não tem ouvidos.

EDGAR: E, por favor, a que distância se encontra o outro exército?

FIDALGO : Muito perto e se aproxima em m archa batida. O grosso da tropa estará à vista a qualquer m omento.

EDGAR: Eu agradeço, senhor; é tudo.

FIDALGO : Em bora a Rainha só esteja aqui por um a razão especial, o seu exército está em m archa.

EDG AR: Muito obrigado, senhor. (O Fidalgo sai.)

G LO UCESTER: Ó, deuses sem pre clem entes, tirai-m e a vida. Não perm iti que o Anj o do Mal m e tente novam ente a m orrer antes da vossa determ inação.

EDG AR: É um a boa oração, velho am igo.

G LO UCESTER: E quem és, m eu senhor?

EDG AR: Um hom em m uito pobre, tornado subm isso aos golpes do destino; que por artes de dores vividas e sofridas se tornou sensível à com paixão. Dá-m e tua m ão; eu te conduzirei a algum abrigo.

G LO UCESTER: Eu te agradeço de todo o coração; e que a generosidade e a bênção do céu te recom pensem . (Entra Osvaldo.)

OSVALDO : Eis a cabeça a prêm io! Que sorte a m inha! Tua cabeça sem olhos foi esculpida um dia para aum entar m inha fortuna. Velho e infeliz traidor, encom enda depressa os teus pecados. Já está desem baihada a espada que vai te destruir.

G LO UCESTER: P ois que a tua m ão am iga ponha bastante força nesse ato. (Edgar se interpõe.)

OSVALDO : Que é isso, cam ponês insolente? Ousas defender um proclam ado traidor? P ara trás, antes que o contágio de seu azar contam ine a ti tam bém . Larga esse braço.

EDG AR:1 Num largu num sinhô, sim sapê pruquê.

OSVALDO : Larga, escravo, ou m orres.

EDG AR: P om vacalhêro, vai no sô cam in, e dêxa a genti in paz. Si falá grossu m i tirassi a fida eu j á tava m ortu tem m ais de quince tias. Qué dizê – tira as pata do felho. Afaista, afaista, eu lhi pervino, sim não fai vê qui m eu caj ado é m ais turo qui sua m olêra. Tá fendo qui falo craro!

OSVALDO : P ara trás, m onte de bosta! (Lutam.)

EDG AR: Vô lhi lim pá os denti cum essi m eu palito, sô. Num m e m etim m edo suas istocada. (Osvaldo cai.)

OSVALDO : Escravo, m e m ataste. Fica com a m inha bolsa, vilão. Se quiseres prosperar enterra o m eu corpo; e entrega as cartas que estão em m eu poder a Edm undo, conde de Gloucester. Tu o encontrarás com as tropas britânicas. Ó m orte prem atura! Ó Morte! (Morre.)

EDG AR: Eu te conheço bem . Um canalha serviçal dedicado aos vícios da patroa até o lim ite de tua perversidade.

G LO UCESTER: Com o!? Ele m orreu?

EDG AR: Sente-se aí, ancião – descansa. Deixa eu ver esses bolsos; as cartas de que ele falou poderão m e aj udar. Está m orto; lam ento apenas que não tenha sido outro o carrasco. Vej am os. Abre, delicado lacre. Boas m aneiras, nada de censuras. P ara

conhecer a intenção de nossos inimigos seriam os capazes de lhes abrir até o coração. Abrir suas cartas é coisa bem mais lícita. (Lê.) – “Lembre-se de nossos votos mútuos. Tens muitas oportunidades de acabar com ele. Se não te faltarem vontades surgirão muitos locais e ocasiões propícias. Mas tudo estará perdido se ele volta vencedor. Serei então prisioneira e seu leito minha prisão. Liberta-me e desse calor odioso e ocupa esse lugar com o teu prêmio. Tua (esposa, gostaria de dizer) rendida servidora, Goneril.”

Que mundo ilimitado é a paixão de mulher! Uma conspiração contra a vida de seu virtuoso esposo: e para substituí-lo, o meu irmão. Vou te enterrar aqui na areia, mensageiro profano de assassinos devassos. E, no momento oportuno, mostrarei ao duque, cuja morte se trama, este pérfido papel. Felizmente para ele eu posso lhe contar a tua morte e falar de tua miséria.

GLoucester: O Rei está louco. Que teimosia é esta minha maldita consciência que ainda conservo clara, e me dá pleno conhecimento de toda minha desgraça! Melhor que eu enlouquecesse. Aqui meus pensamentos abandonariam de vez minhas angústias. Quem perde a razão, não sabe que a perdeu. (Tambores ao longe.)

Edgar: Dá-me tua mão. Parece-me ouvir, lá muito longe, o rufar de um tambor. Vámos, bom ancião, eu te abrigarei com um amigo. (Saem.)

## CENA VII

(Acampamento francês, perto de Dover. Entram Cordélia, Kent, o médico e o figalido.)

CORDÉLIA: Ó bondoso Kent, quanto precisarei viver e fazer para pagar tua bondade? Minha vida será curta demais e muito pouco tudo o que eu fizer.

KENT: Seu reconhecimento, senhora, já é paga excessiva. Tudo que relatei é a mais pura verdade; não tirei nem botei – é só o que aconteceu.

CORDÉLIA: Veste uma roupa melhor. Esse traje traz-me em órias tristezas. Eu te peço trocá-lo.

KENT: Perdão, boa senhora, ser reconhecido agora estragaria meu plano. Peço-lhe pois que não me reconheça até que o tempo e eu julgarmos conveniente.

CORDÉLIA: Então assim será, meu bom senhor. (Ao médico.)  
Com o está o

Rei?

MÉDICO : Ainda dorme, senhora.

CORDÉLIA: Ó deuses piedosos, fechai essa ferida enorme e aberta em sua alma violentada. Restabelecei a harmonia na cabeça delirante deste pai transformado em criança.

MÉDICO : Vossa Maj estade gostaria que despertássem os o Rei? Já dormiu bastante.

CONDÉLIA: Oriente-se por sua ciência e proceda segundo a conclusão que achar melhor. Ele está bem arrumado? (Entra Lear numa cadeira, transportado por criados.)

FIDALGO : Pronto, senhora; durante o sono profundo nós lhe pussem os roupas novas.

MÉDICO : Fique perto de nós quando o acordarmos, senhora, por favor. Não tenho dúvidas de que está tranqüilo.

CONDÉLIA: Muito bem . (Música.)

MÉDICO : Por favor, aproxime-se. Mais alto, a música.

CONDÉLIA: Ó, querido pai! Que a tua cura dependa do remédio de meus lábios; e este beijo repare os violentos ultrajes que minhas irmãs inflingiram à tua figura venerável.

KENT: Boa e amada princesa!

CONDÉLIA: Mesmo que não fosses pai delas, esses cabelos brancos deveriam inspirar-lhes mais com paixão. Esse rosto merecia ser exposto à guerra dos ventos? Enfrentar o ribombão profundo e aterrador de trovões relampejantes? Ficar debaixo da mais terrível e rápida descarga de raios fulgurantes, que zigzagueiam no céu; vigiando, pobre sentinela perdida, protegido apenas por capacete tão frágil? Num a noite assim

até o cão de m eu inimigo poderia se abrigar em m inha lareira  
m esmo que tivesse m e m ordido. Mas tu, m eu pobre pai, tiveste  
que te confundir com porcos e vagabundos famintos, disputando  
com

eles um pouco de palha apodrecida. Ai de m im ! Ai de m im ! É um  
milagre que tua vida e tua razão não tenham terminado juntas.  
Ele acorda. Fala com ele.

MÉDICO : Senhora, falai vós. É o m ais indicado.

CORDELIA: Com o se sente o m eu real senhor? Com o passa  
Vossa Magestade?

LEAR: Fizeste m uito mal em m e tirar da tumba. És um a alma  
beatificada; mas eu estou no inferno, amarrado a uma roda  
de fogo e m inhas próprias lágrimas escaldam com o se fossem  
chumbo derretido.

CORDELIA: Senhor, m e reconhece?

LEAR: És um espírito, eu sei; quando m orreste?

CORDELIA: Ainda, ainda: tão longe ainda.

MÉDICO : Não está bem desperto; deixem o-lo sozinho um certo  
tempo.

LEAR: Onde é que eu estive? Onde é que eu estou? É dia claro?  
Estou m uito confuso. Morreria de pena se visse outra pessoa  
neste estado. Não sei o que dizer. Não juraria que estas mãos

são minhas. Vejamos: sinto a ponta do alfinete. Gostaria de estar certo da minha situação.

CORDÉLIA: Oh, olha para mim, senhor, e levanta tua mão para abençoar-me. Não deves te ajoelhar.

LEAR: Por favor, não zombes de mim. Sou um velho idiota com oitenta e tantos anos, nem uma hora mais nem uma hora menos e, para ser franco, receio não estar com o juízo perfeito. Acho que deveria conhecer a senhora, e esse senhor também. Mas estou em dúvida, porque ignoro totalmente que lugar é este; por mais que faça não consigo lembrar-me destes trajés, nem onde passei a última noite. Não ri de mim; mas, tão certo quanto eu ser um homem, esta senhora é Cordélia, minha filha.

CORDÉLIA: Sou sim! Sou mesmo!

LEAR: Tuas lágrimas são úmidas? Sim, são mesmo. Não chores, por favor. Tens veneno para mim? eu bebo. Eu sei que tu não me amas... porque... tuas duas irmãs, eu bem me lembro, me maltrataram muito. Tu tens um motivo, elas não tinham.

CORDÉLIA: Motivo algum. Motivo algum.

LEAR: Estou na França?

KENT: Em vosso próprio reino, Senhor.

LEAR: Não me enganei.

MÉDICO : Ficai tranqüila, minha senhora... O acesso de furor já term inou: mas ainda é perigoso fazê-lo lembrar de coisas do passado. Aconselhai-o a ir para dentro. Não deve ser perturbado até recuperar toda a tranqüilidade.

CORDÉLIA: Gostaria Vossa Alteza de passear um pouco?

LEAR: Tens de ter paciência comigo. Peço só uma coisa; esquece e perdoa. Sou velho e louco. (Saem Lear, Cordélia, o médico e os servidores.)

FIDALGO : Foi confirmado, senhor, que o duque de Cornualha morreu dessa maneira?

KENT: Exatamente, senhor.

FIDALGO : E quem ficou à frente do seu povo?

KENT: Dizem que Edmundo, o filho bastardo de Gloucester.

FIDALGO : Dizem também que Edgar, o seu filho banido, está com o conde de

Kent, na Germânia.

KENT: Ah, mas dizem tanta coisa! É tempo de tomar as decisões. As tropas do reino se aproximam bem depressa.

FIDALGO : O encontro decisivo promete ser sangrento. Passe bem, meu senhor. (Sai.)

KENT: E aqui eu j ogo tudo P ara o bem e para o m al, Esta batalha é um ponto, Talvez m eu ponto final. (Sai.)

FIM DO QUARTO ATO

## ATO V

### CENA I

(Um descampado próximo ao acampamento britânico, em Dover. Entram, acompanhados por tambores e bandeiras, Edmundo, Regana, fidalgos e soldados.)

EDMUNDO : (A um fidalgo.) Pergunte ao duque se permanece em seu último propósito ou se alguma coisa o induziu a mudar de plano. Está cheio de hesitações e escrúpulos. Traga-nos sua resolução definitiva.

REGANA: Alguma coisa aconteceu ao meu mensageiro de minha irmã.

EDMUNDO : É o que devem os receber, minha senhora.

REGANA: Agora, meu ável senhor, bem sabe os favores com que pretendo cumprá-lo. Diga-me sinceramente; mas diga a pura verdade: é certo que ama a minha irmã?

EDMUNDO : Um amor respeitoso.

REGANA: Mas nunca seguiste o caminho de meu irmão e foste com ela até o local proibido?

EDMUNDO : É uma suspeita que te ofende.

REG ANA: Receio que tenha havido uma grande intimidade entre os dois; que tenham ido até onde essas coisas podem ir.

EDM UNDO : Não, senhora; dou-lhe minha palavra.

REG ANA: Eu nunca o suportaria. Caro senhor, evite qualquer aproximação com ela.

EDM UNDO : Não duvide de mim. Aí chega! ela e seu marido, o duque! (Entram, com tambores e bandeiras, Albânia, Goneril e soldados.)

G O NERIL: (À parte.) Eu preferia perder a batalha do que deixar minha irmã nos separar.

ALBÂNIA: Nossa amadíssima irmã, que prazer encontrá-la. Senhor, eis o que eu soube: o Rei já está ao lado da filha, com algumas outras pessoas a quem o rigor de nosso governo obrigou à revolta. Quando eu não posso ser honesto eu não posso ser corajoso. Se tomarmos neste caso foi porque o Rei da França invadiu as nossas terras, não porque ele apoiou o Rei e os outros que, portanto, se ergueram contra nós por causas justas e graves.

EDM UNDO : Senhor, faleste dignamente.

REG ANA: Por que se discute isso?

G O NERIL: Tem os de nós unir contra o inimigo. Não é o momento, agora, de revolver questões pessoais e familiares.

ALBÂNIA: Decidam os então, com os veteranos de guerra, nosso plano de com bate.

EDM UNDO : Encontrar-m e-ei com o senhor, im ediatam ente, em sua tenda.

REG ANA: Vens conosco, irm ã?

G O NERIL: Não.

REG ANA: Acho m uito im portante. Vem . P or favor.

G O NERIL: (À parte.) Ah! Ah! Eu conheço o m istério. Já vou.  
(Saem ambos os exércitos. Entra Edgar.)

EDG AR: (Para Albânia.)Se Vossa Graça j am ais condescendeu em falar com um hom em tão pobre, escute um a palavra.

ALBÂNIA: (Aos outros.) Já estarei lá. (Para Edgar.) Fala.

EDG AR: Antes de com eçar a batalha, abra esta carta. Se for tua a vitória, m anda a trom beta soar cham ando quem a trouxe. P or m ais m iserável que eu pareça, posso m e transform ar num lutador apto a provar o que está dito aí. Se resultas vencido, chegaram ao fim teus negócios terrenos e as m aquinações contra ti. Que a Fortuna te assista.

ALBÂNIA: Espera que eu leia a carta.

EDG AR: Isso m e foi proibido. Quando chegar o m om ento, basta o Arauto gritar, que surgirei de novo.

ALBÂNIA: Então passe bem . Lerei a tua carta. (Edgar sai. Entra Edmundo.)

EDMUNDO : O inimigo está à vista. Reúna suas tropas. Aqui está a estimativa aproximada das forças e recursos do inimigo, segundo um reconhecimento cuidadoso. É preciso que o senhor avance sem perda de tempo.

ALBÂNIA: Estarem os a postos. (Sai.)

EDMUNDO : Jurei amor a ambas as irmãs. Cada uma suspeita da outra com os que já foram mordidos suspeitam das serpentes. Com qual das duas fico? Ambas? Uma? Ou nenhuma das duas? Não poderei gozar nenhuma, ambas estando vivas. Ficar com a viúva significa exasperar Goneril, deixá-la louca de ódio; e dificilmente tirarei algum partido disso enquanto o marido for vivo. Por enquanto me aproveitarei do apoio dele na batalha. Mas, esta tarde, Goneril, que deseja ver-se livre dele, terá que arranjar um meio rápido de eliminá-lo. Quanto à unanimidade com que pretende tratar Lear e Cordélia, vencida a batalha, e eles em nosso poder,

Nunca hão de ver seu perdão. Não tenho que dialogar

Mas defender minha posição. (Sai.)

## CENA II

(Uma planície entre os dois acampamentos. Trombetas soam. Entram, com tambores e bandeiras, Lear, Cordélia e soldados, que atravessam a cena e saem. Entram Edgar e Gloucester.)

EDGAR: Aqui, bom ancião, aceita a fresca hospedagem que te oferece a sombra desta árvore. Reza para que vença a causa justa. Se eu voltar a vê-lo será para lhe trazer consolação.

GLoucester: O céu o proteja, meu senhor. (Sai Edgar. Fanfarras indicando começo e fim de batalha. Edgar reentra.)

EDGAR: Fugam os, velho! Dá-me tua mão! Fugam os! O Rei Lear perdeu; ele e sua filha são prisioneiros. Dá-me tua mão; vem comigo.

GLoucester: Nem mais um passo, senhor; um homem pode apodrecer aqui mesmo.

EDGAR: O quê? Outra vez pensamentos sombrios? Os homens devem aguardar a hora de sair deste mundo com a paciência com que esperam a hora de entrar nele: estar preparado para tudo. Venha.

GLoucester: Isso também é verdade. (Saem.)

Cena III

(Campo britânico, perto de Dover. Edmundo entra triunfalmente, rodeado por bandeiras e tambores. Lear e Cordélia são prisioneiros. Um capitão, e soldados.)

EDMUNDO : Alguns oficiais os levem em bora. Que sejam bem guardados até ser conhecida a decisão dos que os devem julgar.

CORDELIA: Não somos os primeiros que com a mesma intenção atraímos o pior. Por ti, Rei oprimido, é que eu me aflij o. Sozinha poderia encarar essa fortuna descarada. Não as verem os nós, essas irmãs e essas filhas?

LEAR: Não, não, não, não! Vem, vamos para a prisão. Nós dois sozinhos cantaremos com os pássaros na gaiola. Quando me pedires a bênção eu me ajoelharei e te pedirei perdão. E assim viveremos, rezando e cantando, lembrando histórias antigas, rindo enquanto ouvimos os pobres vagabundos contarem as novidades sobre as borboletas douradas da corte. E também vamos conversar com eles: de quem perde e de quem ganha; de quem vai e de quem fica; e penetraremos o mistério das coisas como se fôssemos espiões de Deus; e entre os muros da prisão sobreviveremos às seitas e partidos dos poderosos, que sobem e descem como a maré debaixo da lua.

EDMUNDO : Em bora!

LEAR: Sobre tais sacrifícios, minha Cordélia, os próprios deuses espalham incenso. Te reencontrei? Quem pretender nos separar

terá de roubar do céu um a tocha ardente e usar o fogo para nos enxotar daqui com o raposas. Enxuga os olhos; a peste há de lhes devorar a carne e os ossos antes que consigam nos fazer chorar. Antes nós os verem os perecer de fome! Vem . (Saem com guardas.)

EDMUNDO : Vem cá, capitão – escuta. Pegue este bilhete. (Dá-lhe um papel.) Segue-os até a prisão. Já te promovi a um posto. Se seguires as instruções aí escritas, abres caminho a destinos gloriosos. Aprende: a ocasião faz o homem . Ânimo delicado não assenta a quem usa espada. A importância de tua missão não admite relutâncias. Ou garantes que o farás ou procura a fortuna de outra forma.

CAPITÃO : Eu o farei, meu senhor.

EDMUNDO : Ao trabalho; e considera-te feliz ao tê-lo executado. Presta atenção – é imediatamente – e executa com o está escrito.

CAPITÃO : Não posso puxar carroça, nem pastar aveia seca; mas as coisas que homem faz eu faço. (Sai. Fanfarra. Entram Albânia, Goneril, Regana, soldados.)

ALBÂNIA: Senhor, mostreste hoje tua linhagem valorosa e foste também guiado pela sorte: fizeste prisioneiros os nossos inimigos na batalha que travamos. Eu os requisi para que sejam tratados de acordo com seus atos e a nossa segurança.

EDMUNDO : Senhor, achei por bem enviar para a prisão, sob escolta segura, o velho e desditoso Rei, cuja idade, e, ainda mais, seu título, têm um fascínio enorme, capaz de atrair para seu lado o sentimento popular, podendo fazer com que as lanças de nossos soldados se voltem contra nós, que os comandamos. Com ele mandei a Rainha, e pela mesma razão: e amanhã, ou depois disso a qualquer hora, estarão prontos para serem conduzidos aonde quer que decidas que serão

julgados. No momento ainda estão em papados de suor e sangue: o amigo perdeu o amigo; e as batalhas mais justas, no calor do combate, são amaldiçoadas por aqueles que sofrem sua violência. O julgamento de Cordélia e de seu pai exige um local mais adequado.

ALBÂNIA: Senhor, se me permite, nesta guerra eu o considero apenas um subordinado, não um irmão.

REGINA: É exatamente esse o título com que desejo agraciá-lo. Parece-me que deverias perguntar minha opinião antes de levares tão longe tuas palavras. Ele conduziu as nossas forças, assumiu minha autoridade e representou minha pessoa. O que desde logo lhe dá o direito de se levantar e se dizer teu irmão.

GERONIL: Modera o teu ardor! Os seus méritos próprios o elevam mais do que o título que lhe dás.

REG ANA: Investido por mim em meus direitos ele se iguala aos meus nobres.

GONERIL: Isso só aconteceria se ele se casasse contigo. REG

ANA: Às vezes os engraçadinhos são excelentes profetas. GON

NERIL: Ora, ora! O olhar que vê assim é um tanto ou quanto vesgo.

REG ANA: Senhora, não estou me sentindo bem; senão minha resposta teria todo o meu ódio. General, dispõe de meus soldados, prisioneiros e patrimônio; dispõe deles e de mim; minhas maldições são tuas. O mundo é testemunha de que eu aqui te faço meu senhor e meu amo.

GONERIL: Achas que vais usufruí-lo?

ALBÂNIA: Im pedir isso não depende da tua vontade.

EDMUNDO: Nem da tua, senhor.

ALBÂNIA: Da minha sim, rapazola me estiço!

REG ANA: (Para Edmundo.) Faz soar os tambores e proclama que o meu título agora é teu.

ALBÂNIA: Espera um pouco; ainda não terminei: Edmundo, eu te prendo por alta traição: e na acusação incluo essa serpente dourada... (Aponta Goneril.) Quanto à tua pretensão, amável irmã, me oponho a ela no interesse de minha mulher: ela tem um contrato secreto com este senhor e eu, marido dela, impugno os

teus proclamações: Se queres te casar, faz a mim a corte: minha mulher já está com prometida...

GLAUCERIL: Mas que farsa!

ALBÂNIA: Estás armado, Gloucester. Que soe a trompa. Se não aparecer ninguém para te provar na cara as tuas abomináveis, evidentes e múltiplas traições, eis o meu desafio. (Atira a luva no chão.) Não comerei mais pão enquanto não provar, trespassando teu peito, que não és nada menos do que tudo que proclamo.

REGINA: Eu me sinto mal! Oh, eu me sinto mal!

GLAUCERIL: (À parte.) Se não fosse assim eu nunca mais acreditaria nos venenos.

EDMUNDO : (Atira uma luva no chão.) Eis minha resposta. Seja quem for no mundo que me chame de traidor, perante com o um vilão. Toque o trombeta;

quem ousar dar um passo adiante; contra ele, contra ti, seja contra quem for, defenderei firmemente minha honra e minha verdade.

ALBÂNIA: Um arauto aí!

EDMUNDO : Um arauto! Vam os, um arauto!

ALBÂNIA: Conta só com teu valor; pois teus soldados, recrutados todos em meu nome, em meu nome já foram dispersados.

REG ANA: Meu mal-estar aum enta.

ALBÂNIA: Ela não está passando bem ; levem-na para minha tenda. (Sai Regana, amparada. Entra um arauto.) Aproxima-te, arauto. Soa tua trompa e lê isto em voz alta.

CAPITÃO : Tocai a trompa! (Soa a trompa.)

ARAUUTO : (Lendo.) “Se houver nas fileiras do exército qualquer homem de alta posição ou qualidade disposto a afirmar que Edmundo, pretendo conde de Gloucester, é um múltiplo traidor, apresente-se ao terceiro toque da trombeta. Ele está pronto a defender-se.”

EDMUNDO : Toque! (Primeiro toque.)

ARAUUTO : Outra vez! (Segundo toque.) Outra vez! (Terceiro toque. Outro toque responde, de dentro. Ao terceiro toque, Edgar entra, acompanhado pelo trombeteiro.)

ALBÂNIA: Pergunta-lhe quais são suas intenções e por que se apresentou ao toque da trombeta.

ARAUUTO : Quem sois vós? Vosso nome, vossa posição e por que respondestes a esta chamada?

EDGAR: Saibam que meu nome se perdeu. Foi roído e gangrenado pelo dente da traição; mas sou tão nobre quanto o adversário que pretendo enfrentar.

ALBÂNIA: Quem é esse adversário?

EDG AR: Não é um que se diz Edm undo, conde de Gloucester?

EDM UNDO : Ele m esm o. Que tens para dizer-lhe?

EDG AR: Saca tua espada para que, se as m inhas palavras ofenderem um nobre coração, o teu braço possa te fazer j ustiça. Aqui está a m inha. Usá-la é um privilégio de m inha honra, m eu j uram ento e m inha profissão. P roclam o - apesar de tua força, j uventude, função e em inência: apesar de tua espada vitoriosa e de tua fortuna recém -adquirida, teu valor e tua coragem ; tu és um traidor; falso com teus deuses, teu irm ão e teu pai, conspirador contra este nobre e ilustre príncipe. Desde a ponta dos cabelos até a poeira em baixo dos teus pés, és um traidor, m ais venenoso do que um sapo venenoso. Diga “não” agora, e esta espada, este braço, e o m elhor do m eu espírito, estão prontos a prová-lo em teu coração ao qual eu falo: tu m entes!

EDM UNDO : Se eu fosse prudente deveria perguntar teu nom e, m as com o tua aparência é tão nobre e m arcial, e teu discurso respira alta linhagem , eu desdenho e abandono m inúcias e prudências que bem poderia exigir, pelas regras da cavalaria. E devolvo em tua face tua acusação de traidor: que essa calúnia, odiosa com o o inferno, esm ague teu coração. Mas com o m inhas ofensas m al te atingem e não te ferem , m inha espada vai lhes abrir o cam inho sangrento onde

ficarão cravadas para sem pre. Trombetas, falem !

(Trombetas soam. Luta. Edmundo cai.)

ALBÂNIA: Poupai-o! Poupai-o!

GONERIL: Foi uma perfídia, Gloucester: pela lei das armas não eras obrigado a enfrentar um opositor desconhecido. Tu não foste vencido, mas enganado e traído.

ALBÂNIA: Cale a boca, senhora, ou eu a calarei com este papel. Calma, senhor. (A Goneril.) Tu, pior que qualquer nome, és tua própria infâmia. Não o rasgue, senhora; percebo que já conhece o conteúdo.

GONERIL: Digam os que eu conheça – as leis são minhas, não tuas. Ninguém pode me julgar.

ALBÂNIA: É monstruoso demais! Conheces este papel!?

GONERIL: Não me pergunte o que eu conheço. (Sai.)

ALBÂNIA: Corram atrás dela. Está fora de si. Segurem-na. (Sai um oficial.)

EDMUNDO : Com tudo de que me acusam e me insultam, muito mais. O tempo o revelará. Tudo agora é passado, com o eu. Mas quem és tu que me venceste assim ? Se és um nobre eu te perdôo.

EDGAR: Tratem os um ao outro com piedade: meu sangue não vale menos do que o teu, Edmundo. Se vale mais, então foi mais

aior a tua culpa. Meu nome é Edgar; sou filho de teu pai. Os deuses são justos, e nos castigam com nossos vícios mais doces. Ter-te gerado em lugar escuro e vicioso custou-lhe os olhos.

EDMUNDO : Falaste certo; é verdade. A roda completou seu giro. Eu estou aqui. ALBÂNIA: Percebi logo que o teu porte indicava uma nobreza real. Quero abraçar-te. Que a desolação rompa meu peito se eu já mais senti ódio por ti ou por teu pai.

EDGAR: Eu o sei, digno príncipe.

ALBÂNIA: Onde te escondeste? Com o subestive das desgraças de teu pai?

EDGAR: Cuidando delas, meu senhor. Escuta uma história breve: e quando eu tiver terminado, quero que meu coração rebente! Para escapar do bando sanguinário que me perseguia tão de perto (oh, a doçura da vida nos faz aceitar o horror de morrer a todo instante quando seria preferível morrer de uma vez) decidi disfarçar-me com os andrajes de um demente, ficando com um aspecto de dar nojo até aos cães. Vestido assim eu encontrei meu pai com seus anéis sangrentos, de onde tinham acabado de arrancar as pedras preciosas. E me tornei seu guia. Conduzi-o, e endiguei por ele, salvei-o do desespero. Nunca – ó erro! – revelei quem eu era, até me ia hora atrás, quando já

estava armado. Inseguro, em bora esperançoso, de ter bom resultado, pedi-lhe a bênção e lhe contei, do princípio ao fim, toda a minha peregrinação. Mas seu coração já rachado (fraco dem ais, ai de mim, para suportar o conflito) entre os dois extremos da paixão, a alegria e a dor, se rompeu sorridente.

EDMUNDO: Tua história me comoveu e talvez traga algum bem; mas continua. Tenho a impressão de que não terminaste.

ALBÂNIA: Se há mais alguma coisa, mais sofri então, não conte; já estou quase me desfazendo em lágrimas.

EDGAR: Isso já pareceria o cúmulo a todos que têm horror ao sofrimento; mas alguma coisa mais juntou-se a isso, indo além do possível, ultrapassando o limite. Enquanto eu me entregava à minha dor gritando, apareceu um homem que, me vendo nesse estado deplorável, evitou minha repugnante companhia. Mas logo, percebendo quem era o desgraçado ali agonizando, me apertou no peito com seus braços vigorosos e se pôs a gritar com uma violência de estremecer o céu. Atirou-se sobre meu pai e contou, sobre Lear e ele próprio, a história mais comovente que ouvidos humanos já escutaram. E, enquanto contava, sua angústia se tornou tão intensa que as cordas da vida começaram a estalar. Aí a trombeta soou pela segunda vez e eu o deixei lá, inanimado.

ALBÂNIA: E quem era esse homem?

EDG AR: Kent, senhor, o exilado Kent, o qual, disfarçado, seguia sem pre o Rei que o desterrou, prestando-lhe serviços indignos de um escravo. (Entra um fidalgo com uma faca ensangüentada.)

FIDALGO : Socorro! Socorro! Oh, socorro!

EDG AR: Para que o socorro?

ALBÂNIA: Fala, homem .

EDG AR: O que quer dizer esse punhal sangrento?

FIDALGO : Ainda está quente, fumegante... Acabou de sair do coração de... Oh, ela está morta.

ALBÂNIA: Quem está morta? Fala.

FIDALGO : Sua esposa, senhor, a sua esposa; e a irmã, envenenada por ela. Ela confessou.

EDMUNDO : Eu estava prometido a ambas. Agora nos casamos os três, no mesmo instante.

EDG AR: Aí vem Kent. (Entra Kent.)

ALBÂNIA: Mortos ou vivos, tragam aqui os corpos. (Sai o fidalgo.) Esse julgamento dos céus, que nos assusta, não nos inspira nenhum a com paixão. (Entra Kent.) Oh, é ele então? As circunstâncias nos impedem os cumprimentos ditados pela cortesia.

KENT: Vim apenas para dizer adeus para sem pre a m eu Rei e Senhor. Ele não está aqui?

ALBÂNIA: Mas que esquecimos então o nosso! Fala, Edmundo, onde está o Rei? E onde está Cordélia? (Surgem os corpos de Goneril e Regana.) Estás vendo este espetáculo, Kent?

KENT: Ai de mim, com o que foi isso?

EDMUNDO : Contudo Edmundo foi amado. Por minha causa um a envenenou a outra e depois se matou.

ALBÂNIA: Foi assim. Cubram seus rostos.

EDMUNDO : Anseio pela vida; quero fazer algo de bom a despeito da minha natureza... Depressa mandem alguém ao castelo... Não percam tempo... eu dei uma ordem ... escrevi... condenando à morte Cordélia e o Rei. Corram, enquanto é tempo.

ALBÂNIA: Corram ! Corram ! Oh, corram !

EDGAR: Procurar quem, senhor? Quem tem a ordem ? Manda uma contra- ordem .

EDMUNDO : Tom a minha espada, entrega-a ao capitão.

ALBÂNIA: Por tua vida, corre! (Edgar sai.)

EDMUNDO : Ele tinha ordem minha e de tua mulher para enforcar Cordélia na prisão e depois lançar a culpa em seu próprio desespero, que a teria levado a destruir-se.

ALBÂNIA: Que os deuses a protejam! Tirem-no daqui agora. (Levam

Edmundo. Entram Lear, com Cordélia nos braços, Edgar, fidalgos e cortejo.)

LEAR: Huau! Huau! Huau! Huau! Oh, vós sois homens de pedra! Tivesse eu vossos olhos e vossas línguas eu os usaria de tal modo que faria estalar a abóbada do céu. Ela partiu para sempre. Eu sei quando alguém está morto e quando alguém tem vida. Ela está morta com o terra. Dai-me um espelho. Se sua respiração em baçar ou ofuscar o vidro, então ainda tem vida.

KENT: É esse o anunciado fim do mundo?

EDGAR: Ou uma imaginação desse dia de horror?

ALBÂNIA: Pois que chegue esse dia, e acabe com tudo para sempre.

LEAR: A pena se move; ela vive. Se for assim, esta felicidade com pensa todas as dores que tenho sofrido.

KENT: (Ajoelhando-se.) Ó meu bom senhor!

LEAR: Afaste-se, por favor!

EDGAR: É o nobre Kent, teu amigo.

LEAR: A peste caia sobre vós, assassinos, traidores todos! Eu podia tê-la salvo; agora ela foi embora para sempre. Cordélia, Cordélia, fica ainda um pouco. Ah, o que é que tu dizes? Sua voz

foi sem pre suave, m eiga e baixa, um a coisa excelente na m  
ulher. Matei o escravo que estava te enforcando.

FIDALGO : É verdade, senhores, ele o m atou.

LEAR: Não foi m esmo, am igo? Já houve tem po em que, com o  
m eu alfanje afiado, fazia todos correr. Estou velho, agora, e  
todas essas provações m e aniquilaram . Quem és tu? A m inha  
vista já não é tão boa – te digo logo.

KENT: Se existem dois hom ens de quem a fortuna pode se  
vangloriar de ter odiado e am ado ao ponto extremo, um deles é  
esse aí.

LEAR: Estou com a vista turva? Tu não és Kent?

KENT: Ele m esmo, teu servidor. E teu servidor Caio, onde se  
encontra?

LEAR: É um bravo com panheiro, eu te garanto. Ataca forte;  
e rápido tam bém . Está m orto e apodrecido.

KENT: Não, m eu bom senhor; sou esse hom em ...

LEAR: Logo verem os.

KENT: ...que desde o com eço de teu infortúnio e declínio seguiu  
teus tristes passos.

LEAR: Então sejam bem -vindo.

KENT: Não, nem eu, nem ninguém mais, neste momento. Tudo é desolação, trevas e luto. Tuas filhas mais velhas se destruíram ; o desespero as matou.

LEAR: Sim , creio que sim .

ALBÂNIA: Ele não sabe o que diz e é inútil tentar fazer com que nos reconheça.

EDGAR: Completamente inútil... (Entra um mensageiro.)

MENSAGEIRO : Meu senhor, Edmundo morreu.

ALBÂNIA: Uma coisa insignificante, no momento. Senhores nobres, e nobres amigos, ouvi nossas intenções. Perestarem os todo o tempo para que pudermos a esta ruína de um grande homem . Por isso renunciamos, e, enquanto durar a vida desta veneranda majestade, colocamos em suas mãos o nosso poder absoluto. (A Edgar e Kent.) A vós os vossos direitos, acrescentados de títulos e honras que mais do que mereceis. Todos os amigos provarão as recompensas de vossas virtudes e todos os inimigos beberão a taça amarga de vossos merecimentos. Vede! Vede!

LEAR: A minha pobre bobinha foi enforcada: Não, não, não tem mais vida. Por que um cão, um cavalo, um rato têm vida e tu já não respiras? Nunca mais voltarás, nunca, nunca, nunca, nunca, nunca! Por favor, desabotoem aqui. Muito obrigado, senhor. Está

vendo isto?... Olhem -na! Olhem seus lábios, olhem ali, olhem ali...  
(Morre.)

EDG AR: Está desmaiando! Meu senhor, meu senhor! KENT:  
Estoura, meu coração, eu te suplico, estoura! EDG AR: Abra os  
olhos, meu senhor.

KENT: Não atormente sua alma. Deixem os que ele parta.  
Seria odiá-lo mais antes de tê-lo mais tempo na roda de tortura que é  
este mundo.

EDG AR: Partiu para sempre.

KENT: É espantoso que tenha resistido assim ; viveu muito tempo  
além da própria vida.

ALBÂNIA: Levem -no daqui. E vamos nos dedicar agora ao luto  
geral. (Para

Kent e Edgar.)

Amigos de minha alma, juntos governareis o Estado,  
sustendo e recompondo o Reino ensanguentado.

KENT: Eu tenho uma viagem , senhor, pronta nisso. O meu Rei  
me chama; não posso dizer não.

EDG AR: Ao peso destes tempos

Tem os que obedecer. Dizer o que devem os; Não o que é bom  
dizer,

O m ais velho sofreu m ais; Nós j ovens, garanto, Jam ais verem  
os tanto, Nem viverem os tanto.

(Saem, com marcha fúnebre.)

FIM DO QUINTO ATO

**InfoLivros.org**

